

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Renata Venturim Bernardino

**REPRESENTAÇÕES DO MEIO RURAL CAPIXABA
DOS ANOS 70 VEICULADAS EM UM SEMIDOCUMENTÁRIO
DA ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL
DO ESPÍRITO SANTO (ACARES)**

**VITÓRIA
(Espírito Santo)
2003**

Renata Venturim Bernardino

**REPRESENTAÇÕES DO MEIO RURAL CAPIXABA
DOS ANOS 70 VEICULADAS EM UM
SEMIDOCUMENTÁRIO
DA ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA
RURAL
DO ESPÍRITO SANTO (ACARES)**

Monografia de graduação apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Izildo Corrêa Leite

VITÓRIA
(Espírito Santo)
2003

AGRADECIMENTOS

Esta monografia consistiu em um trabalho intenso e minucioso, realizado durante o ano de 2003, e para concretizá-lo algumas pessoas contribuíram, direta ou indiretamente, de forma decisiva; por isso, faço os seguintes agradecimentos:

Ao fotógrafo e cinegrafista Peter Hartmann, por ter-me possibilitado o acesso ao filme e por suas colaborações com materiais e informações.

Aos entrevistados: Álvaro Margôto, Dante de Novais, Dásio Venturim, Nilo Bragato, Teodora Bragato, Wallace Batista Neto e outros ex-extensionistas da ACARES.

Ao Prof. Dr. Izildo Corrêa Leite, por suas contribuições na construção da análise deste filme, na estruturação deste trabalho e pelo fornecimento de fontes de consulta.

Ao jornalista e cineasta capixaba Luiz Tadeu Teixeira, por ter-me possibilitado o acesso à projeção do filme em Super-8.

Ao Prof. Frederico Herdmann Seide, pela tradução de um artigo em alemão utilizado na realização deste trabalho.

Ao meu avô materno, Olívio Venturim, e familiares que ainda vivem na “roça”, pelas conversas que, mesmo esporádicas, são de particular valia para conhecer mais de uma parte da realidade rural capixaba.

Aos meus pais, Bernadete e Humberto, que sempre foram o meu suporte.

À Prof^ª Dr^ª Yara Regina Candelária da Rocha, por despertar-me a pesquisar.

Finalmente, agradeço à Maria Eronete (mais conhecida como Neta) e ao Rosemberg, colegas de turma com os quais obtive muito enriquecimento durante a graduação.

“O passado se esconde, e às vezes se esconde mal, por trás das aparências do moderno, fazendo da sociedade brasileira uma sociedade em que a peculiaridade pesa mais do que à primeira vista se vê.”

(José de Souza Martins. **O poder do atraso**. São Paulo: HUCITEC. 1994, P. 11)

LISTA DE SIGLAS

ABCAR – Associação Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
AGROCERES – Agrocere S.A.
ARACRUZ – Aracruz Celulose S.A.
BANDES – Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo S.A.
BANESTES – Banco do Estado do Espírito Santo S.A.
BB – Banco do Brasil
BNCC – Banco Nacional de Crédito Cooperativo S.A.
BMZ – Bundesministerium für wirtschaftliche Entwicklung und Zusammenarbeit
CALIR – Centro de Aperfeiçoamento do Líder Rural
CCPL – Cooperativa Central dos Produtores de Leite
CENTRALCOPE – Central das Cooperativas Agrícolas do Estado do Espírito Santo
CFP – Comissão de Financiamento da Produção
CIBRAZEM – Companhia Brasileira de Armazenagem
CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CNC-4S – Comitê Nacional de Clubes 4-S
CODEPE – Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária de Corte
COFAI – Companhia de Fomento Agro-industrial
CST – Companhia Siderúrgica de Tubarão
CVRD – Companhia Vale do Rio Doce
EMATER / ES – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Espírito Santo
EMCAPA – Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária
EMBRATER – Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
ESCELSA – Espírito Santo Centrais Elétricas S.A.
FAES – Federação da Agricultura do Espírito Santo
FAO – Food an Agriculture Organization
FETAES – Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Espírito Santo
FUNABEM – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
FUNRES – Fundo de Recuperação Econômica do Espírito Santo
GERCA – Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura
GERES – Grupo Executivo para a Recuperação Econômica do Espírito Santo
GTZ – Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit
IBC – Instituto Brasileiro do Café
INCAPER – Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEACS/AS – Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro Sul
LBA – Legião Brasileira de Assistência
MEPES – Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
PROVÁRZEAS – Programa Nacional de Recuperação e Aperfeiçoamento de Várzeas
PIPMO – Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra
SAMARCO – Samarco Mineração S.A.
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
UFV – Universidade Federal de Viçosa
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I	
O OBJETO DE ESTUDO: DELIMITAÇÃO, CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA	9
CAPÍTULO II	
A METODOLOGIA DE PESQUISA E DE ANÁLISE	16
CAPÍTULO III	
REPRESENTAÇÕES VEICULADAS NAS MENSAGENS DO FILME <i>OS JOVENS RURAIS</i>	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
FONTES CONSULTADAS	
1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
1.1. OBRAS CITADAS	36
1.2. OBRAS NÃO CITADAS	37
2. PERIÓDICOS	
2.1. ARTIGOS DE REVISTAS	39
2.2. ARTIGOS DE JORNAIS	40
3. MULTIMEIOS	
3.1. FILME	40
3.2. FOTOGRAFIAS	40
3.3. REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	41
ANEXOS	
ANEXO A – ILUSTRAÇÕES	43
ANEXO B – ROTEIROS DAS ENTREVISTAS	46
ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DO FILME <i>OS JOVENS RURAIS</i>	52
ANEXO D – CRÉDITOS DO FILME	56
ANEXO E – LETRA DA MÚSICA PRINCIPAL DO FILME	57

INTRODUÇÃO

O início da década de 70 foi um momento de transição para a economia capixaba, que passava de agro-exportadora para uma fase predominantemente urbano-industrial. Ainda nesse período, no Espírito Santo, acelerava-se o crescimento da população urbana e se agravavam os problemas sociais, não só meio urbano, como no meio rural. Era um período de auge do regime ditatorial, de extrema repressão e censura, e estavam em andamento os projetos governamentais desenvolvimentistas, cujo discurso justificador era tirar o país do atraso econômico.

Nesse passado recente é que foi produzido no Espírito Santo o semidocumentário, de curta-metragem, que se constitui no material de análise deste trabalho.

Este filme, intitulado *Os jovens Rurais – o desafio e a contribuição da juventude*, é um semidocumentário da antiga Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo – ACARES (atualmente conhecida como INCAPER¹), feito entre 1971-73 com a cooperação técnica do governo da República Federal Alemã.

Constava na motivação da solicitação da ACARES ao governo alemão que “O homem do campo reconhece melhor seus problemas por meio de material audiovisual, elaborado no quadro da sua própria vida cotidiana. Experiências feitas mostraram que quanto mais familiar for a apresentação e quanto mais as pessoas possam identificar-se, maior será o êxito. Obtém-se [sic] assim, temas melhores e os camponeses aceitarão mais voluntariamente o que lhes foi apresentado de maneira facilmente compreensível” (ACARES, apud HARTMANN, 1976, p.11).

As filmagens foram realizadas nos municípios de Castelo, Venda Nova do Imigrante, Colatina, Nova Venécia e Vitória e a sua produção envolveu equipamentos modernos, orçamentos restritos, um cinegrafista alemão, funcionários do Serviço de Extensão Rural Brasileiro e atores amadores que viviam no campo.

Não se trata de um filme comercial (e um produto vendável), mas de uma produção cultural institucional criada e exibida na primeira metade da década de 70, para jovens rurais de pequenas e médias propriedades do Espírito Santo que viviam da agricultura familiar. E que, em abril de 2003, voltou a “ter existência” ao ser exibido, por seu diretor, para um público aberto, em algumas localidades do interior do Estado onde foi filmado.

¹ Em substituição a ACARES, foi criada em 1975 a EMATER, uma empresa pública estadual vinculada a Secretaria de Estado de Agricultura do Espírito Santo. Esta, por sua vez, foi incorporada a EMCAPA em 2000 gerando na atual INCAPER.

O interesse em privilegiar este filme se deu por este se constituir numa fonte rica e estável de informações sobre um tempo da história do Espírito Santo e do Serviço de Extensão Rural brasileiro. No plano pessoal, foi uma oportunidade de resgatar uma obra que contou com a participação de alguns membros de minha família materna.

Este filme já recebeu um tratamento em discussões com jovens rurais, em palestras para técnicos agrícolas no Espírito Santo, e, no final da década de 70, foi utilizado em discussões para estudantes, para técnicos alemães e participou de uma Mostra de Documentários Agrários em Berlim. Mas, com este trabalho acadêmico pretende-se dar uma “outra leitura” a este filme e compartilhar os “olhares” que resultaram numa forma de análise das representações contidas no filme.

O objetivo principal deste trabalho é mostrar e analisar as representações sociais do meio rural capixaba do início da década de 70 que foram veiculadas neste filme. Para isso, procurou-se verificar o que foi e o que não foi mostrado sobre o meio rural e como ele foi “interpretado”; ou seja, de que forma a ACARES se posicionou, em termos de informações, imagens, ideologias e valores, em relação ao meio rural e aos jovens rurais e agricultores familiares. E é partindo de uma análise em profundidade do filme *Os jovens Rurais – o desafio e a contribuição da juventude*, que esta pesquisa assume a forma de um estudo de caso, porque tem o propósito de desenvolver comentários mais gerais, mesmo se tratando de uma produção cultural que possui particularidades. Sendo que, não houve a preocupação em se analisar suas características técnicas, estéticas e semiológicas.

A relevância deste trabalho está em mostrar que o conteúdo deste filme expressa e representa o seu emissor (ACARES) e o objeto representado (o meio rural capixaba). E, diante da inexistência de monografias no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo que tenham se voltado para a análise de uma fonte imagética, este trabalho pretende “chamar atenção” para esta expressiva modalidade de documentação no desenvolvimento de investigações no campo das Ciências Sociais. Portanto, junto a uma proposta de pensar a questão agrária, este trabalho também tem o propósito de buscar a interdisciplinariedade ou a inter-relação entre a área das Ciências Sociais e a Comunicação.

Este trabalho está dividido em três capítulos.

No capítulo 1, busco contextualizar e delimitar o objeto de estudo, em termos sociais, políticos, econômicos e culturais, bem como mostrar a relevância acadêmica do objeto.

O capítulo 2 tem como finalidade oferecer informações relativas à metodologia de pesquisa e de análise. Nele se expõe no que consistiram as pesquisas documentais, bibliográficas e empíricas, e posteriormente, como se procedeu a análise do filme.

Por fim, no capítulo 3, faz-se a análise sociológica do filme, estruturada a partir de mensagens contidas no filme, para evidenciar as representações sociais do meio rural capixaba nele veiculadas. Para isso, fez-se neste capítulo a combinação entre o conteúdo e o discurso do filme, com alguns conceitos sociológicos, teorias “estruturais” e alguns aspectos da Teoria das Representações Sociais de maior pertinência para este trabalho.

Nas considerações finais, apresentam-se os desdobramentos das informações analisadas, de forma a expor as conclusões relativas a esse momento específico de análise.

CAPÍTULO I

O OBJETO DE ESTUDO: DELIMITAÇÃO, CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA

O objeto de estudo desta pesquisa são as representações sociais do meio rural do início da década de 70 contidas no semidocumentário *Os jovens Rurais – o desafio e a contribuição da juventude*. Este é um filme da ACARES, uma das entidades civis que estava filiada ao Serviço de Extensão Rural Brasileira, de financiamento externo e nacional, e que atuava no meio rural capixaba representando o Ministério da Agricultura e a Secretaria da Agricultura.

Ele foi o único documentário da ACARES que fez parte de um Projeto Audiovisual da Cooperação Técnica da Alemanha com o Brasil. Trata-se de um filme de curta-metragem que envolveu equipamentos modernos, orçamentos restritos, um cinegrafista alemão, funcionários do Serviço de Extensão Rural Brasileiro e atores amadores que viviam no campo. Mesmo se propondo a ser um documentário, seus criadores não trabalharam apenas com a “verdade”, mas, com vistas a abarcar um certo campo de acontecimentos e informações a fim de ser um filme de caráter exortativo, também se utilizaram de algumas ficções e encenações², fazendo deste filme um semidocumentário.

Entre 1971 e 1973, período em que foi feito este filme, se fazia presente no país o “milagre econômico” e uma política econômica de tipo produtivista, em detrimento do chamado modelo distributivista, com o crescimento econômico se fazendo à base da concentração da renda e da exclusão do mercado da maioria da população.

Era uma época explosiva no mundo. O movimento estudantil estava com força na Europa e nos Estados Unidos, destacava-se o movimento “hippie” e os movimentos pacifistas contra a Guerra do Vietnã. No Brasil, e também no Espírito Santo, os estudantes saíam às ruas para protestar contra o regime militar e procuravam acompanhar as mudanças culturais que aconteciam em outros países.

Estava em vigor o Ato Institucional Número 5, que suprimia todas as liberdades civis, garantindo poder discricionário ao Presidente Médici. Havia a tortura aos presos políticos, a dura repressão desencadeada pelos órgãos de segurança, que praticamente eliminava toda forma de manifestação organizada de protesto, e estava instituída a censura. Mesmo assim, a

² Sendo que, a técnica de entrevista usual, utilizada nos filmes documentários, está comprometida a medida que o entrevistado assume uma interpretação de si mesmo, criando uma “dramaturgia natural”, diminuindo, portanto, a fronteira entre o entrevistado e o ator, que não pode ser delimitada de forma rigorosa (BRASIL, U., 1995, p. 1).

propaganda oficial do governo buscava explorar seus aspectos considerados positivos, principalmente os elevados índices de crescimento econômico.

Utilizando-se dos jornais, do cinema e, sobretudo, da televisão, que se afirmava como o principal veículo de comunicação social, o governo divulgava várias frases de efeito, que procuravam difundir um otimismo generalizado quanto à estabilidade e ao futuro de desenvolvimento do país, tais como: “Você constrói o Brasil”, “Ninguém segura este país”, “Brasil, conte comigo” e “Brasil, Ame-o ou Deixe-o”. O otimismo e a propaganda governamental tinham atingido seu clímax por ocasião da Copa do Mundo disputada no México, em 1970.

Em concordância com o perfil de potência emergente se pretendia atribuir ao país, procurava-se ampliar os seus relacionamentos políticos, sobretudo os comerciais, com vistas a conquistar mercados para a produção em expansão. No governo Médici, a política externa brasileira implementada se denominava de “diplomacia do interesse nacional”.

Com a confrontação político-ideológico-militar, a dinâmica da Cooperação Técnica estava sendo condicionada pela guerra fria e pela conseqüente bipolarização de grande parte do terceiro mundo (MARCOVITCH, 1994, p. 230). Sendo que, no regime militar, tanto nas exportações e nas importações brasileiras quanto nos investimentos diretos sobre o país, estavam prevalecendo as ligações com as potências capitalistas: a Alemanha Ocidental e os Estados Unidos.

As elites brasileiras se preocupavam com a migração rural para as zonas urbanas, pois isto se tornava uma ameaça à harmonia e à ordem das grandes cidades e uma possível baixa na produtividade do campo. Assim, para que de fato o país ingressasse no rol das grandes potências, acreditava-se que era necessário uma melhor distribuição populacional e o aproveitamento do território.

Nessa nova articulação econômica, o Serviço de Extensão Rural tinha o papel de ser um instrumento capacitado para garantir que o homem rural superasse seu estado de precariedade. Suas entidades civis filiadas atuavam por meio de programas sociais e assistenciais voltados para comunidades rurais. Elas eram experiências desenvolvimentistas transplantadas dos Estados Unidos na década de 50, por meio do convênio de governos locais com agências americanas de Extensão Rural.

Acreditava-se que a viabilidade de desenvolvimento do país dependia de uma ação educativa junto ao agricultor a fim de mudar a sua mentalidade frente às novas exigências feitas ao setor agrícola pela demanda da economia como um todo. Procurava-se introjetar em cada “lar rural” os “ensinamentos da Administração Rural”, através do trabalho dos líderes

voluntários treinados por extensionistas especializados nas diversas áreas concernentes ao trabalho agrícola.

Com o discurso segundo o qual se buscava tirar o Brasil do atraso econômico, se potencializavam também no Espírito Santo as tendências desenvolvimentistas, já em andamento desde os anos 50.

O Estado estava passando por um período de transição econômica, de uma fase agro-exportadora para uma predominantemente urbano-industrial, mas a maior parte da população economicamente ativa ainda estava no setor primário, e predominavam no meio rural capixaba precárias condições de vida³.

O governo estadual de Arthur Gerhardt (1971-74) assinalava esforços em divulgar a posição privilegiada do estado para atrair recursos e investimentos privados, nacionais e estrangeiros, e assim fortalecer a economia regional.

Desde 1969 passava a operar um mecanismo de incentivos fiscais do Governo Estadual e, com a criação do BANDES e do GERES/FUNRES, estavam sendo incentivados vários projetos industriais na área de processo da produção agropecuária. Investia-se nos setores básicos da economia capixaba: agricultura, porto e setor ferroviário, pois estes formavam as infra-estruturas necessárias para acolher os grandes projetos (CST, CVRD, Aracruz, Samarco).

No período do Regime militar, a educação passava a ser concebida como um investimento econômico e os dois principais instrumentos de ação educacional do Serviço de Extensão Rural brasileiro (a transmissão de conhecimento técnico e a orientação para o crédito rural supervisionado) perdiam a posição de destaque em suas atividades. Além disso, a clientela do Serviço de Extensão Rural brasileiro passava a englobar não só os pequenos e médios produtores, mas também os grandes empresários, os meeiros e os assalariados (FONSECA, 1985, p. 173-5).

Nesse momento, a ACARES estava estabelecendo uma racional estratégia de ação: aos grupos de proprietários do tipo empresarial contribuía com projetos financeiros e com assistência técnica especializada para certas criações e culturas econômicas, além do crédito rural; no caso dos produtores e trabalhadores, incentivava a organização de cooperativas, sindicatos e comissões; quanto aos grupos de pequenos e médios agricultores, voltava-se para mudar a sua mentalidade; e, com relação aos jovens rurais, que vivam da agricultura familiar,

³ Em 1970, o índice de pobreza [?] no meio rural capixaba era de 73,4%. Somente 10,2% dos domicílios do meio rural possuíam abastecimento de água e 11,8% possuíam energia elétrica (ALBUQUERQUE; VILLELA, 1991, p. 49, 92 e 93).

em pequenas ou médias propriedades, buscava organizá-los em Clubes 4-S e em agremiações, como um meio de incorporá-los às tarefas do desenvolvimento nacional[.]⁴.

Os Clubes 4-S eram experiências que se espelhavam nos Clubes 4-H⁵ dos Estados Unidos, dentro de uma proposta assistencialista no meio rural. Eles possuíam, como emblema do Clube, um trevo com quatro “esses” distribuídos em suas quatro folhas. Os quatro “esses” queriam dizer: *Saber – Sentir – Saúde – Servir*.

Saber significava que os jovens deveriam adquirir conhecimentos e desenvolver a inteligência para que tivessem uma melhor visão do mundo em que viviam e para que aprendessem e difundissem coisas novas que beneficiem as suas famílias e suas comunidades. *Sentir* significava que dentro e fora de seus grupos, os jovens deveriam cultivar os sentimentos de amizade, lealdade e honestidade a fim de poderem ter um convívio social e uma formação moral e cívica adequada. *Saúde* significava que os jovens deveriam valorizar o bem-estar físico, mental e social para que pudessem alcançar uma vida saudável e feliz. *Servir* significava que para que pudessem bem servir ao País, os jovens deveriam estar capacitados profissionalmente para assumir a gestão de empresas e lares rurais, encarando essas atividades como ocupações valiosas e de futuro (DIETERICH, 1982, p. 21).

O Serviço de Extensão Rural desenvolvia a sua ação educativa com seu público através de vários materiais audiovisuais, pois estes eram vistos como recursos didáticos essenciais para o “homem do campo” com baixo nível cultural. Mesmo existindo deficiência qualitativa e escassez de recursos para a educação rural, os recursos audiovisuais serviam de meios de informação, de intercâmbio de mensagens, de transmissão do conteúdo técnico-científico aplicável à agricultura e de multiplicação de contatos no seio dos grupos de vizinhanças (ACARES, 1963, p.152-3).

Para a execução de programas desenvolvimentistas de Extensão Rural, a ACARES era assistida por órgãos de prestação de serviços e de fornecimento de insumos e possuía convênios com várias outras entidades e organizações internacionais, inter-regionais, intergovernamentais, nacionais, públicas e privadas que também possuíam programas

⁴ No Espírito Santo, a organização da juventude rural, sob a denominação de Clubes 4-S, havia sido iniciada em 1958, no ano subsequente à criação da ACARES. Sendo que, incentivar a organização de jovens rurais era uma proposta que se inseria no contexto da recomendação da ONU aos países em desenvolvimento. Era salientado que em toda as regiões onde o nível de vida das áreas rurais fosse baixo, os programas extra-escolares de treinamento da juventude, através de clubes juvenis e de atividades educativas e recreativas correlatas, representavam uma alternativa de educação.

⁵ Os 4H queriam dizer: Head – Hands – Heart – Health, representando, respectivamente, Cabeça, Mãos, Coração e Saúde. As atividades do trevo (referência ao símbolo do 4-H) tiveram início há cem anos, nos Estados Unidos, quando havia maior concentração populacional em seu meio rural, e depois foi se espalhando para alguns países, em grandes metrópoles, em pequenas cidades, em propriedades rurais e mesmo em bases militares (Cf. UNIVERSITY OF KENTUCKY, 2002-03).

desenvolvimentistas. Ela firmava convênios para a aplicação de crédito rural orientado[.],⁶ mantinha colaboração mútua e de complementação de recursos com vários órgãos⁷ e possuía entrosamentos informais com uma série de entidades⁸.

A Alemanha, um dos países com os quais o Brasil mantinha uma relação de cooperação bilateral motivada, principalmente, por interesses comerciais e culturais, também colaborava com o Serviço de Extensão Rural brasileiro. Uma de suas ações foi cooperar na criação e desenvolvimento do Projeto de Produção de Meios Instrutivos Audiovisuais para Assuntos Agrários.

No Espírito Santo, o Projeto Audiovisual foi solicitado pela ACARES, no fim da década de 60, ao Governo Federal da Alemanha, e o fato da ACARES estar sendo presidida por Rolf Eduardo Pulschen, um alemão que possuía estreito contato com o governo alemão, facilitou a inclusão do Espírito Santo nesse Projeto.

A sua implantação se deu em 1971, sob a coordenação da antiga ABCAR, que hoje é denominada de EMBRATER. A empresa executora foi a ACARES, que atuou junto à empresa GTZ, uma instituição alemã contratada pelo Ministério da Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha (BMZ) para operacionalizar a Cooperação Técnica alemã no Brasil. Para este Projeto Audiovisual, a cooperação alemã consistiu na transferência de recursos audiovisuais modernos, no envio de um especialista alemão em produção de filmes e na assistência técnica temporária deste especialista.

Este Projeto também foi implantado em Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e envolveu uma série de “slides” sobre o crédito rural e filmes agrários. Durante a década de 70, foram produzidos cerca de 12 filmes dispendiosos, em negativo de 16 milímetros, alguns classificados como documentários e outros como filmes educativos (mais didáticos e informativos, voltados para o aconselhamento). Estes estiveram sob direção de Peter Hartmann e foram feitos com o objetivo de divulgar práticas e técnicas agrícola

⁶ Dentre eles, o BANESTES, o Banco de Crédito Real de Minas Gerais, o Banco Nacional de Minas Gerais e o CONDEPE (ACARES, 1971, p. 8)

⁷ A ACARES estava colaborando com a FUNABEM, algumas Prefeituras Municipais, cooperativas agrícolas, UNICEF/FAO/OMS, PIPMO, CNAE, MEPES, o centro social e assistencial MITRA ARQUIDIOCESANA, IBC/GERCA, Corpo de Voluntários da Paz, IPEACS/AS, BB/BNCC/CENTRALCOPE (ACARES, loc. cit., nota 3).

⁸ Em 1971, a ACARES mantinha entrosamento não só com o CNC-4S, como também com: MOBREAL, LBA, FAES, FETAES, INCRA, CCPL, CFP, ESCELSA, AGROCERES, UFV, UFES, COFAI, CIBRAZEM, BNCC, Secretaria da Saúde, Secretaria da Indústria e Comércio, Secretaria da Educação e Cultura, e outros (ACARES, loc. cit., nota 3).

avançadas, utilizadas com sucesso no meio rural brasileiro, como uma forma de incentivar a mecanização e a produtividade agrícola⁹.

O filme *Os jovens Rurais – o desafio e a contribuição da juventude* é um destes filmes dispendiosos, que foi considerado de importância supra-regional por tratar do êxodo rural e do papel do Serviço de Extensão Rural no meio rural brasileiro.

O filme conta a história de Mário, um rapaz do interior do estado do Espírito Santo que por não ter conseguido melhores condições de vida na cidade, resolve retornar ao campo. Para contrapor a sua situação, mostra-se que o meio rural capixaba estava melhorando devido à auto-ajuda entre seus moradores, ao espírito cooperativo e à colaboração de diversas entidades assistenciais. São documentadas declarações de agricultores capixabas que estavam aprendendo novas técnicas agrícolas com a assistência da ACARES e que, assim, estavam prosperando. Como também, que a juventude rural estava organizada em Clubes 4-S, onde trocava experiências entre si e também desenvolvia projetos agropecuárias, técnicas de construção civil, de corte e costura e primeiros socorros, a fim de buscar um futuro melhor no campo.

Tendo em vista o contexto político, social, econômico e cultural no qual esse filme foi produzido, o presente trabalho pretende verificar de que forma a ACARES representou o meio rural capixaba do início da década de 70 e como ela se posicionou em relação a esse meio rural e ao público-alvo do filme (jovens rurais e agricultores familiares).

Junto a uma proposta de pensar a questão agrária, este trabalho também tem o propósito de buscar uma interdisciplinariedade ou uma inter-relação entre a área das Ciências Sociais e a Comunicação.

A importância de pesquisas nas áreas das Ciências Sociais se voltarem para as representações sociais contidas em meios de comunicação está em perceber que estes dizem algo sobre a realidade e que também são objetos historicamente determinados; portanto, são produções não só culturais, sociais e materiais, mas que também envolve construções simbólicas. Levar em conta as representações sociais veiculadas em meios de comunicação é perceber que estes fornecem uma “leitura” ilusória e contraditória da realidade social, mas que,

⁹ Entre os títulos originais dos filmes agrários feitos para o Brasil estão os filmes educativos: “Laboratórios veterinários móveis” (1973), “Dia de campo” (1975), “Ganhe ouro plantando maçãs” (1976), “Provárzeas” (1976), “Forragens de inverno” (1977) e “Winterfutter” (1979 - trata-se da versão em alemão do filme “Forragens de inverno”); e os documentários: “Os jovens rurais” (1974), “Safras melhores para Minas Gerais” (1977), “Bessere Ernten für Minas Gerais” (1977 - trata-se da versão em alemão do filme “Safras melhores para Minas Gerais”), “ES geht um 100 millionen rinder” (1979 - trata-se de um filme feito somente em alemão – cuja tradução seria “Trata-se de 100 milhões de bois”, como continuação do filme “Laboratórios veterinários móveis”), além de outros, que falam sobre cooperativas rurais modernizadas e sobre florestas subtropicais.

ao mesmo tempo, também é “verdadeira”, pois “retrata e refrata a realidade” (MINAYO, 2000, p. 110) segundo os interesses e as representações dos sujeitos que a criaram.

A relevância acadêmica deste trabalho está não só em dar este enfoque ao filme em questão, percebendo que esse filme tem um interesse histórico por trazer uma leitura de uma instituição oficial que tinha as suas produções culturais também padecidas aos efeitos da ditadura militar no Brasil, mas também em chamar atenção para uma expressiva modalidade de documentação para o desenvolvimento de investigações no campo das Ciências Sociais, que é pouco analisada no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, e que, até o presente momento, não havia ainda sido utilizada como material de análise em monografias deste mesmo Curso.

CAPÍTULO II

A METODOLOGIA DE PESQUISA E DE ANÁLISE

Para uma pesquisa sócio-histórica do filme, foram utilizados procedimentos diversificados e vários instrumentos para a coleta de dados.

Como delineamento documental foi utilizado não só o semidocumentário em questão, mas também documentos conservados no Arquivo Público Estadual, em bibliotecas e no acervo da INCAPER, como regulamentos, jornais, tabelas estatísticas e fotografias diversas, dentre estas algumas “reproduções” de cenas do filme e de trabalhos orientados pela ACARES, que foram utilizadas na análise como “referências visuais” (e não como objetos de análise). (ANEXO A).

Uma análise mais profunda do filme conduziria a combinar o estudo dos fatos que lhe são internos com informações externas, como as condições de produção, o roteiro, o Plano Formal do Projeto Audiovisual e os documentos oficiais sobre o convênio firmado com o governo alemão. Mas, devido às várias mudanças políticas e administrativas pelas quais passou o Serviço de Extensão Rural do Espírito Santo, não me foi possível encontrar tais informações e documentações.

Considerando que as representações contidas no filme só têm existência completa quando se lhe está assistindo (pois é só assim que se completa a comunicação), foi necessário, para o desenvolvimento da análise, que houvesse, por várias vezes, a manipulação da cópia do filme em vídeo (no formato VHS). Para isso, precisou-se de condições materiais, como aparelho de vídeo. Já para assistir à escritura cinematográfica em bobinas (Super-8 e 16 milímetros), foi necessária a sua projeção; mas, devido a limitações de acesso a projetores, foi possível observá-lo projetado três vezes. E, além disso, a película em Super-8 foi encontrada na INCAPER sem som, além do que as imagens da cópia do filme (em vídeo) não estavam nítidas, diferentemente dos filmes em películas.

Para as coletas de informações, foram feitas não só pesquisas bibliográficas e documentais, como também pesquisas empíricas, que consistiram na utilização de “técnicas de interrogação”, em entrevistas “semi-diretiva” [sic] (GIL, 1991, p. 90), realizadas pessoalmente, por e-mail, por telefone e por carta (ANEXO B).

As entrevistas foram aplicadas a uma amostragem restrita de pessoas, composta por três ex-extensionistas, três ex-sócios “quatroessistas”, um líder comunitário, três executores

do filme (o diretor, o roteirista e o assistente técnico), um ex-gráfico da ACARES e um ex-Cônsul Honorário da Alemanha no estado.

Para a escolha dos entrevistados, foram priorizadas as pessoas que tivessem, direta ou indiretamente, alguma relação com o filme, tendo ou não assistido ao filme mais de uma vez, e o fato de serem representantes da ACARES, do governo alemão ou dos agricultores familiares sócios “quatroessistas”. Isso fez destes entrevistados importantes informantes para a obtenção de dados acerca do filme, da ACARES e do Projeto Audiovisual.

Não foi possível ampliar o número de entrevistados devido ao pouco tempo disponível para realizar esta pesquisa, como também porque alguns participantes do filme já faleceram, não deram retorno ou não puderam ser localizados.

As entrevistas realizadas foram conduzidas de forma “parcialmente estruturada” (GIL, 1991, p. 92), guiada por uma relação de pontos de interesse, explorados ao longo da entrevista, sem uma relação fixa de perguntas. Optou-se por não utilizar gravador em nenhuma das entrevistas, para não causar constrangimentos ou rejeições. No caso da entrevista realizada com o assistente técnico do filme, exibiu-se o filme em vídeo, como técnica de pesquisa, pois ele não se recordava de boa parte do filme.

Para a análise, considerou-se que, por se tratar de levantar questões sobre um assunto antigo, as entrevistas fizeram remontar a memória dos entrevistados, e o fato de a memória ser seletiva pode ter feito com que os entrevistados esquecessem muitas informações, deixando aspectos importantes em suas declarações.

Numa segunda fase, partiu-se para a análise do filme. Numa “leitura” sociológica do semidocumentário, não se pretendeu analisar suas características técnicas, estéticas e semiológicas, mas delimitou-se a análise atendo-se apenas em estabelecer elos entre a materialidade do filme (frases, palavras faladas ou escritas, música, cenas, que no corpo do capítulo III aparecem descritas em itálico), informações sócio-históricas, alguns conceitos sociológicos, teorias “estruturais” e aspectos da Teoria das Representações Sociais.

Considerou-se conveniente fazer-se uma “análise discursiva” (GUARESCHI et al., 2000, p. 85) do filme, a partir da transcrição literal de falas, fazendo referencia a algumas cenas do filme (ANEXO C), pelo fato de este filme ter um discurso intenso e organizado para relatar somente aquilo que é necessário para fazer o que se propõe.

Por se tratar de focalizar a análise nas representações sociais de uma obra com caráter instrumental e de curta-metragem, foi utilizada a análise de conteúdo. De modo que, para se realizar uma interpretação controlada do conteúdo do filme, a análise foi definida pela “inferência de pólos” (BARDIN, 2000, p. 133). Os pólos centrais foram as principais

mensagens do filme, e estas, por sua vez, foram observadas como uma expressão e representação de sua emissora (ACARES) e do público-alvo do filme (jovens rurais e agricultores familiares). Sendo que, em torno das mensagens, que se articulam entre si, procurou-se evidenciar as representações sociais do meio rural capixaba veiculadas no filme.

Este filme envolveu uma produção coletiva e multidiscursiva, formada por diferentes “sujeitos” e um especialista alemão (com pouquíssimo domínio da língua portuguesa) exerceu a maioria das funções. Além disso, o roteirista fazia um trabalho paralelo ao seu trabalho na ACARES, exercendo a atividade de jornalista profissional junto a jornais e revistas do Rio de Janeiro, estagiando no “O Globo”, no “Jornal do Brasil”, na “Manchete”, fazendo cursos de extensão para a produção de roteiros e reportagens e era estudante de Economia na UFES. Mesmo diante dessas influências particulares, apenas foram analisadas as representações sociais deste filme como criações da ACARES, pois considerou-se que seus criadores, consciente ou inconscientemente, foram influenciados pelo contexto no qual o fizeram, com toda a produção do filme tendo sido direcionada e/ou controlada por funcionários da ACARES, que estavam sob orientações de uma equipe central da ABCAR, em Brasília. (ANEXO D).

Com a análise de conteúdo, por meio dos pólos destacados, pretendeu-se verificar como foi construída a narrativa, o que foi manifesto e o que foi latente, a organização de elementos entre si, quais aspectos importantes do mundo real foram ocultados e amplificados.

Para alcançar um certo distanciamento do filme, no processo de análise fez-se a sua “desconstrução” (o que equivale à “descrevê-lo”) e a isso juntaram-se as análises de conteúdo e de discurso, as informações obtidas nas pesquisas documentais, bibliográficas e empíricas, para assim fazer surgir um todo significativo: uma “reconstrução” do filme (VANOYE; GOLIOT-LÁTÉ, 1994, p.19), o que equivale à sua interpretação sociológica.

Por meio da apresentação de uma análise de dimensões qualitativas e de “significação” que se pretendeu comprovar as hipóteses de que este filme possui fortes indicadores de que servia de instrumento de propaganda do governo militar e de que atendia à expansão do capitalismo no meio rural. Portanto, ao partir de uma análise em profundidade do filme *Os jovens Rurais – o desafio e a contribuição da juventude*, utilizando-se de uma pesquisa documental, bibliográfica (consistida na coleta de fontes secundárias, como livros, informativos, documentos, relatórios, artigos eletrônicos, impressos, traduções, entre outros e na coleta de fontes primárias, como os roteiros produzidos para as entrevistas, a observação direta do filme, relatórios das entrevistas, etc.) e empírica, que esta pesquisa assume a forma de um estudo de caso, porque tem o propósito de desenvolver comentários mais gerais, mesmo se tratando de uma produção cultural que possui particularidades.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÕES VEICULADAS NAS MENSAGENS DO FILME *OS JOVENS RURAIS*:

Para uma interpretação sociológica a fim de comprovar que esse filme possui fortes indicadores de que servia de instrumento de propaganda do governo militar e atendia a expansão do capitalismo no meio rural procurou-se, neste capítulo, evidenciar as representações sociais do meio rural capixaba a partir das focalizações, dos aspectos ideológicos, da forma como a ACARES se posicionou, em termos de informações, imagens, ideologias e valores, em relação ao meio rural e em relação aos jovens rurais e agricultores familiares. Para isso, fez-se uma análise sociológica em profundidade, estruturada por meio de mensagens transmitidas pelo filme, incorporando as informações coletadas nas pesquisas documentais, bibliográficas e empíricas.

?? Mensagem 1: **“Sem a indispensável modernização será inevitável o empobrecimento do campo”**

Nas primeiras imagens do interior do Estado presente no semidocumentário foram identificados a precariedade, as altas taxas de natalidade e o isolamento de muitos agricultores familiares em relação ao restante da economia. Na figura da família de Mário, coloca-se como “verdade” a frase: *Sem a indispensável modernização será inevitável o empobrecimento do campo*. Dentro do cerne do argumento tecnocrático contra o conflito entre dois pólos opostos: o tradicional e o moderno, o filme foi ancorado no pressuposto de que esta oposição causa problemas sociais. Fazia parte das idéias desenvolvimentistas difundir a homogeneização entre estes pólos, como uma forma de equilíbrio social.

Dentro de uma visão tecnocrática e mecanicista, considerou-se que o atraso existente no campo se devia à ausência de recursos disponíveis da agricultura. Estas idéias estavam fundamentadas em uma visão empírico-positivista da realidade, de que as mudanças só poderiam ocorrer por intervenções técnicas e supostamente neutras.

Iniciava-se no começo da década de 70 o período de maior ritmo de transformação da base técnica da agricultura, apesar de ter sido restrita e menos intensa do que nas principais regiões agrícolas do país. Acelerava-se o processo de modernização técnica do campo, tanto

nas novas culturas que eram introduzidas, quanto na tradicional lavoura cafeeira, com a extensão do modelo fordista-keynesiano periférico ao meio rural. Do ponto de vista econômico, era incentivada a entrada de capitais estrangeiros e a modernização forçada do campo, estimulando a criação de agricultura empresarial vinculada ao crédito agrícola, à aquisição de máquinas e ao consumo de implementos (sementes, herbicidas, etc.), que em grande parte eram produzidas pelo capital multinacional (SOUZA FILHO, 1990, p. 177).

Como meios de integração do meio rural ao urbano, mostrou-se no filme que existia infra-estrutura para o escoamento das safras: Mário pega carona na BR-3 (a atual BR-262), umas das vias rodoviárias interestaduais que integrava a economia capixaba à economia nacional, e, já na cidade, mostra-se o Porto de Vitória, um ponto de atração para escoamento da produção agrícola, pecuária e industrial do corredor formado por Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Norte do estado do Rio de Janeiro e Sul da Bahia, que permitia fazer com que o país se integrasse ao mercado internacional (SOUZA FILHO, 1990, p. 76).

As principais ações do governo militar visavam colocar à disposição dos produtores rurais, dinheiro fácil e barato, através de mecanismo bancários e financeiros voltados para a agricultura, para se atender à demanda por uma agricultura mais eficiente. Porém, só estavam fazendo parte deste processo os produtores rurais que tivessem a capacidade de “dar respostas” à expansão e à diversificação, suscitadas pelas agroindústrias, às demandas das exportações e do mercado interno. Para que houvesse a modernização da agricultura familiar, exigia-se dela não só a tecnificação, mas também a grande produção. Isso significava que os produtores só ingressariam nesse processo de modernização segundo a sua capacidade de se endividarem junto ao sistema financeiro e segundo a sua capacidade de racionalizar suas linhas produtivas face à nova estrutura de despesas.

De forma sutilmente autoritária, a ACARES definiu o “lugar” que a agricultura familiar deveria ocupar no processo de produção, mas não se falou da subordinação dos produtores ao setor capitalista industrial e das desigualdades nos benefícios concedidos. Pretendia-se que os produtores camponeses, mesmo mantendo a suas relações de produção, passassem a se inteirar com o mercado, com a unidade produtiva se tornando mercantilizada e a forma de reprodução sendo dada pelo mercado (MÜLLER, 1989, p. 127).

Omitiu-se que é essa modernização do campo que traz novos conceitos de tempo e de espaço, que a penetração do mundo urbano-industrial no meio rural transfere para o meio rural o ambiente individualista moderno-capitalista, mesmo que em outras proporções.

Não foi visto que a técnica não é neutra e que o conhecimento do camponês, de natureza “experimental”, também se acha igualmente condicionada. Portanto, a capacitação deles não pode ser dada por meio de uma visão ingênua de problema técnico.

A estruturação da narrativa do filme não foi feita a partir das principais causas das precárias condições de vida do meio rural; não se questionaram as condições históricas, sociológicas, culturais que as condicionavam. Desta forma, o Serviço de Extensão Rural rejeitava a problematização dialógica, “anestesiando” o espírito crítico do público do filme. Este filme, portanto, pretendia ser um instrumento de “domesticação” e de “invasão cultural” (FREIRE, 1979, p. 55) sobre os agricultores familiares.

Havia uma distância enorme entre as idéias desenvolvimentistas e a realidade da maioria das regiões rurais do Estado. No início da década de 70 a realidade que se fazia mais presente no meio rural era o aumento das empresas rurais, das áreas monoculturas e das áreas “improdutivas” (significando a estocagem de terras com fins puramente especulativos), a disseminação do assalariamento agrícola e dos trabalhadores sem terra. Era um momento em que praticamente a metade da produção agropecuária e florestal era de interesse imediato das agroindústrias, em que, principalmente no Leste e Oeste do Estado, crescia o monopólio da posse de terras destinadas a pastagem ou a plantações de eucaliptos dos grandes projetos agro-exportadores (multinacional Aracruz e CVRD), que se valiam dos incentivos fiscais, provocando a redução na produção de alimentos e expulsão de pequenos proprietários, índios guarani e tupiniquim, pescadores, quilombolas, entre outros (ANJOS, 1987, p. 29).

Mesmo que isso não fosse declarado, intensificava-se uma política agrícola restritiva aos agricultores familiares; em que estes, mesmo produzindo em solos férteis, encontravam muitas limitações topográficas na prática agrícola, o que fazia encarecer ou impedir a mecanização e uma agricultura diversificada e permanente.

Não foi dito que não é possível construir um país moderno e desenvolvido com a má distribuição de renda e com a presença do latifúndio. Com uma política agrícola que privilegie a atividade agrícola produtiva com a conservação ambiental, principalmente na agricultura familiar, e que permita a superação do latifúndio seria possível, simultaneamente, ampliar a cidadania, o bem-estar dos trabalhadores rurais e desenvolver o País (LINHARES; SILVA, 1999, P. 141). Pois, dando função social e econômica às terras improdutivas ou degradadas em grandes latifúndios se disseminariam as pequenas propriedades agrícolas, fazendo aumentar a produção agrícola no País e fortalecer a agricultura familiar. A Reforma Agrária não bloquearia o processo de modernização agrícola, porque o pequeno produtor utiliza a tecnologia moderna desde que tenha acesso a ela e que ela esteja adaptada às suas condições

econômicas, sociais e ecológicas de sua região. Assim, de fato, seria possível fixar o agricultor no campo e melhorar as condições de vida da população.

Mesmo com um discurso de cunho social e com ênfase ao atendimento do pequeno e médio produtor rural no sentido de propiciar alternativas de produção, a ACARES deixava implícito no filme o caráter conservador que dava à questão agrária.

?? Mensagem 2: **O meio rural é e pode ser mais harmônico**

Na figura de um “tipo ideal” de *família do campo*, a família de Mário representava a prevalência da agricultura familiar, que se constitui enquanto um modo específico de produzir e de viver em sociedade. Identificaram-se por meio do *lar de Mário* os produtores tradicionais de pequenos portes e famílias sedentárias que permaneciam no meio rural sem acesso ou condições para tomar crédito e orientação técnica.

Identificou-se o estado de carência e isolamento típico no interior capixaba, fazendo a correlação entre seu baixo “nível econômico” e o “nível social”: a prática da agricultura de subsistência, filhos que só tiveram, no máximo, acesso à educação de *escolas singulares*, e a utilização de métodos agrícolas arcaicos em um terreno acidentado, com *pouca qualificação da mão-de-obra agrícola* e com baixos *rendimentos*.

Foi focalizada no filme a agricultura familiar: ao mesmo tempo em que é uma família proprietária dos meios de produção, ela também assume o trabalho no estabelecimento produtivo, como uma categoria que possui a sua forma particular de ação econômica e social; mostrando que o trabalho familiar desenvolvido pelos camponeses se estabelece, muitas vezes, através de sua própria auto-exploração (aumento das horas de trabalho, colocação dos filhos muito jovens no processo produtivo, etc.), como estratégia de sobrevivência.

Não os apresentaram como camponeses que resistiam ao capital, com sua estratégia de reprodução da unidade familiar camponesa e da agricultura tradicional frente à modernização do Capitalismo (exploração técnica da terra), ou que seu estado de precariedade fosse resultado da forma econômica nacionalmente dominante das forças sociais agrárias modernas, mas apresentou-se, no filme, a *típica família do campo* como um simples fruto herdado do modo tradicional de produzir.

Mesmo com os agricultores familiares formando a categoria de trabalhadores rurais que prevalecia no meio rural capixaba, desde os anos 60, as relações não-capitalistas baseadas na mão-de-obra familiar conjugada à parceria estavam perdendo espaço e dando lugar à relação de trabalho assalariado (ROCHA; MORANDI, 1991, p. 95).

Mesmo privilegiada pelo Estatuto da Terra, a formação de propriedades familiares vinha decrescendo, e a produção primária tornava-se parcela e secundária de um amplo processo industrial. Apesar dos investimentos na agricultura, havia forte concentração de créditos em torno de um pequeno número de grandes tomadores e poucos empreendimentos agropecuários incentivados estavam tendo rentabilidade. Expandiam-se mais as grandes propriedades do estado, do que as pequenas propriedades (menores que 25ha e os minifúndios), que decresciam tanto em número quanto em área (KAGEYAMA; SILVA, apud ANJOS, 1987, p. 21). Ocorria o “desaparecimento” de mais de 10.000 propriedades no Espírito Santo entre 1970-75 devido, em grande parte, à anexação dos pequenos estabelecimentos por aqueles de tamanho maior (FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES, 1979, p. 35).

Como prática comum do Serviço de Extensão Rural, após o diagnóstico de que os agricultores eram pobres, mostrou-se que eles também eram eficientes e que o problema não estava no uso dos “fatores de produção” disponíveis, mas, sim, que estes fatores não propiciavam o retorno necessário para superar a condição de pobreza em que viviam (SILVA, 1999, p. 3).

É a partir da pergunta “*Será que não poderia ter sido diferente o caminho percorrido por Mário?*” que são construídos argumentos para se contraporem à *aventura* do migrante Mário. Para isso, a ACARES destacou as comunidades rurais consideradas “exemplares”. Foram escolhidas as comunidades que representavam as zonas do café fino e do gado leiteiro, onde havia maior apoio da Prefeitura e que representavam as regiões mais atendidas pelos extensionistas da ACARES: Região Cachoeiro (*Castelo*), Região Centro (*São João de Viçosa*), Região Colatina (*São Zenon*) e Região Nova Venécia (*Nova Venécia*). Além disso, eram as comunidades que mais possuíam cooperativas, Clubes 4S, comissões de saúde e de alimentação. E, apesar do número médio de pessoas ocupadas na agricultura não havia crescido significativamente para o total do Estado, Colatina, que era uma das principais microrregião cafeeiras, apresentava uma elevação de 16,9% devido à implantação do Plano de Renovação e Revigoração dos cafezais, por ter feito aumentar a geração de emprego no município (SOUZA FILHO, 1990, p. 139-40).

Tentando-se definir a sociedade rural capixaba como uma “sociedade de interconhecimento”, com a diversidade e homogeneidade assegurando a vida social intensa (JOLLIVET; MENDRAS, apud WANDERLEY, 1996, p. 4), foram destacadas as comunidades onde havia a prática do mutirão e da ajuda mútua, expressando uma estratégia

racional e um padrão afetivo de sociabilidade, sendo ambos imprescindíveis à sobrevivência de pessoas sujeitas a experiências comuns de privações e de desamparo.

Porém, não se considerou que havia focos de tensão no interior do Estado. Com o aumento da divisão do trabalho, se fomentava a diversidade de interesses, cujo resultado era o desenvolvimento de um padrão de sociabilidade mais impessoal, formal, no qual se impunham os interesses meramente econômicos, em detrimento dos laços grupais afetivos. Conseqüentemente, isso ocasionava a perda de importância das tradicionais relações de produção familiar e de parceria.

Como parte do interesse da ACARES, foi vista a comunidade rural como uma organização social homogênea e não-estratificada, sem conflitos internos. O meio rural do interior do Espírito Santo parecia apenas ser formado por pequenos núcleos sociais cuja base era a família.

Não foi levado em consideração que o meio rural brasileiro é um ambiente dividido em facções, com diversos extratos sócio-econômicos. Estava fora do contexto e do interesse exploratório da ACARES expor para os agricultores familiares a heterogeneidade da população rural e que também faziam parte da paisagem do meio rural capixaba os parceiros, os colonos, os meeiros, os posseiros, os indígenas, os quilombolas e outras categorias de trabalhadores rurais.

A valorização da harmonia entre as comunidades rurais, entre os membros quatroessistas, mascarava que uma das barreiras que impedia a ampliação dos Clubes 4-S era não só os interesses individuais, mas também a rejeição em formá-los.

Foram omitidas as diferenças como as existentes entre as classes e não se forneceu ao público-alvo o sentimento da identidade social e referências universais; não se incentivou que os agricultores familiares se organizassem com outros trabalhadores rurais, numa construção de identidade de classe, enquanto trabalhadores rurais e de movimento sociopolítico de massas pela Reforma Agrária.

Apenas foram mostradas soluções pacificantes para os problemas sociais do meio rural, sem se estimular esta população rural à formação de grupos de pressão, para melhorar a educação, a infra-estrutura e o conjunto “produção-comercialização-uso da renda” (BORDENAVE, 1969, p. 8).

A ACARES, mesmo que não explicitamente, contribuía para “cimentar” (GRAMSCI, apud WARDE, 1977, p. 49) a sociedade, pois, mesmo partindo dos problemas concretos das comunidades rurais e incentivando a mobilização e a participação na comunidade, as suas

propostas para superar estes problemas não atendiam aos interesses imediatos da maioria das comunidades e não expressava a diversidade do meio rural capixaba.

?? Mensagem 3: “Ninguém segura a juventude do Brasil”

O filme se inicia afirmando que *o Brasil é um dos países mais jovens do mundo*, estimando que a população do país tendia a aumentar, o que faria predominarem jovens com menos de 20 anos na população. São mostradas algumas cenas do meio urbano do estado, com inúmeros marcadores que delimitam o tempo narrativo do filme: um tempo de mudanças, de visão otimista do governo do estado quanto ao seu futuro, de adoção do movimento “hippie”, a forte presença da população num estádio de futebol, crianças brincando, jovens servindo ao Exército, jovens participando de teatro, jovens na Universidade e na Escola Técnica na busca de qualificação para o mercado de trabalho.

Exaltando a juventude urbana capixaba, afirma-se ser *flagrante a busca de emancipação e liberdade desses jovens e a ânsia de encontrarem a si mesmos, construindo algo com o próprio esforço e criatividade*. E que até no meio rural a *mocidade tinha interesse por toda espécie de inovação*. E que, ao aderir a uma *nova mentalidade*, proporcionada por sua participação em Clubes 4-S, os jovens rurais estavam *melhorando as condições de seu próprio meio* e, por isso, estavam se realizando.

Não se levou em conta que era um momento de pleno auge da ditadura militar e que o povo estava impedido de se manifestar livremente; que havia pressões contra a liberdade de pensamento e que toda a força do aparelho estatal estava a serviço da política cultural dos governantes. Era um momento de efervescência artística e cultural, de multiplicação das produções locais do teatro capixaba e do cinema. Sendo que muitas produções não só nacionais como locais estavam contestando o Regime Militar (A GAZETA, 2003, p. 78).

Era o poder estatal que decidia o que era novo ou velho, permitido ou proibido, certo ou errado. Do ponto de vista social, articulavam-se uma poderosa repressão às representações populares e a crença em supostas ligações dos movimentos populares com uma conspiração internacional do comunismo. A censura era a arma política e econômica utilizada, e quaisquer manifestações em favor da Reforma Agrária, ou tentativas de organização dos trabalhadores rurais, eram, de imediato, identificadas com a subversão (IANNI, 1978, p.230).

Como abertura ao *desafio e a contribuição da juventude* no meio rural, mostram-se alguns jovens rurais felizes levados por um caminhão, ao som da música “*Eu te amo, meu*

Brasil”; uma música que era insistentemente tocada nos meios de comunicação¹⁰ e foi marca da Copa de 70, quando o futebol brasileiro foi bicampeão mundial. Caracterizando o ufanismo brasileiro dos anos 70, de “Brasil-potência”, um país do terceiro mundo moderno, mostrou-se neste filme uma manifestação típica da propaganda ideológica do governo militar.

Simultaneamente às cenas, os primeiros versos da música fazem reforçar que a juventude rural estava feliz, estava unida e *melhorando as condições de seu próprio meio*:

*“As praias do Brasil ensolaradas,
o chão onde o país se elevou,
a mão de Deus abençoou,
mulher que nasce aqui tem muito mais amor!
O céu do meu Brasil tem mais estrelas!
O sol do meu país mais esplendor!
A mão de Deus abençoou,
em terras brasileiras vou plantar amor!”*

Refrão: Eu te amo, meu Brasil, eu te amo!

Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil!

Eu te amo, meu Brasil, eu te amo!

Ninguém segura a juventude do Brasil ! [...]” (ANEXO E)

Transfere-se a responsabilidade de mudar as condições de vida do meio rural para a juventude. Esta, por amor ao País, deveria *plantar amor*, doar ajuda, estar unida para melhorar as condições de vida no meio rural. Mostra-se que o caminho propulsor do desenvolvimento do meio rural dependia do jovem, e que este deveria valorizar a agricultura familiar, modernizar a propriedade familiar, participar de associações, realizar trabalhos voluntários e manter povoado o meio rural.

Os Clubes 4S eram associações formadas por jovens agricultores, de 10 a 25 anos de idade, que funcionavam sob a orientação do Serviço de Extensão Rural e com a colaboração de um líder voluntário. Por meio deles, os jovens recebiam uma complementação na educação familiar e escolar, executando trabalhos individuais e em conjunto, viabilizados por dotações e convênios entre a ACARES e outras organizações assistenciais.

¹⁰ No início da década de 70 os meios de comunicação ainda eram escassos no meio rural. Entre a população rural capixaba apenas 1,3% possuía televisão e 41,5% possuía rádio (ALBUQUERQUE; VILLELA, op. cit., p 93, 98 e 99, nota 1).

O enfoque que a ACARES estava dando à formação de Clubes 4-S no meio rural e a essa *nova mentalidade* não interferiam na “segurança nacional”, mas se enquadravam na consolidação do novo modelo econômico e fazia parte da “política de apaziguamento” (ANDRADE, 1995, p. 11) do governo no meio rural.

Por meio do filme, procurou-se mexer com o imaginário dos jovens rurais, tentando fazê-los acreditar que a melhor opção para eles era construir um espaço moderno e atrativo no próprio meio rural. E que o meio rural se tornava atrativo porque havia um “outro ambiente educacional” com o apoio do Serviço de Extensão Rural.

Mas não se viu que, para a realização do jovem, enquanto ser social, é preciso que ele tenha uma vida provida de sentido e de ações contestatórias, justamente contrárias à lógica do capital e do mercado, na luta pelos direitos sociais, colocando-se em questão que sociedade se quer construir e o que e para quem se deve produzir.

?? Mensagem 4: **O migrante sem qualificação é excluído**

Na figura do *filho mais velho da família*, um jovem que já possuía maioridade, que estava insatisfeito com a sua vida no meio rural, com a sua situação de dependência e com a *luta intensa no campo*, sem perspectivas e assistência, aproximou-se de uma certa verossimilhança com a realidade do campo capixaba e dos descontentamentos do principal público-alvo do filme.

Foi se utilizando de uma narração que assume a forma de um “comentador externo” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 50), carregado por uma tonalidade, que o discurso (da ACARES) esteve mais carregado de verdade. Este antecipou, antes mesmo de Mário deixar os *limites da casa paterna*, que ele iria ter muitas dificuldades no meio urbano, porque *apesar do empenho das autoridades no interior*, o ensino que era fornecido por *escolas singulares não lhes oferecia capacitação técnica ou profissional* e que nesse *mundo inteiramente novo*, ele dependeria da *cooperação de estranhos*.

A partir dessa “lógica das migrações” foi que se criou a trajetória do migrante, representando os vários outros migrantes que faziam parte de um processo migratório que estava acontecendo no Espírito Santo e também no País.

Afirmou-se no filme que a mobilidade geográfica é consequência de estratégias abertas, cujo resultado é incerto, e que o que movimenta os trabalhadores é a busca por melhores condições de vida. A migração não foi compreendida como um fenômeno grupal, mas foi definida por motivos individuais, de *diversão* e *conforto*, sem ressaltar o movimento

migratório como consequência de situações macrossociais, macroeconômicas e espaciais, provocadas pelas crises conjunturais e estruturais do País.

Sempre foram comuns fluxos migratórios tradicionais, em virtude das antigas áreas de ocupação rural, na medida em que se tornavam incapazes de absorver o excedente populacional, expulsavam contingentes. Mas a grande migração foi iniciada essencialmente no início dos anos 60 até meados de 70 e estava sendo desencadeada com o programa de erradicação do café de 1962-67, o que confirma que a migração é um fenômeno estrutural, de cunho fortemente social.

No início dos anos 70, a maior parte do estado, incluindo as localidades de *Castelo*, *São João de Viçosa* e *Nova Venécia*, estava expulsando a população rural para áreas urbanas devido à redução de ganhos resultante da erradicação do café¹¹. Os trabalhadores se deslocavam para viver junto aos seus parentes estabelecidos nas cidades mais desenvolvidas, como vinha se tornando Vitória.

No filme, definiu-se como elemento básico responsável pelo crescimento das cidades o êxodo rural, espelhando a falta de oportunidades e a falta de esperança existente no campo, mas não se expôs que o fluxo migratório origina-se principalmente nos problemas decorrentes do monopólio da terra. Crescia a população agrícola (trabalhadores sem terra), que moravam em regiões urbanas, nas periferias de grandes cidades ou em entrosamentos rodoviários porque este era um dos “efeitos perversos” ocasionados com a introdução de inovações tecnológicas em áreas consideradas atrasadas. Intensificava-se o processo de expropriação dos pequenos e médios produtores porque estes estavam impossibilitados de dar respostas satisfatórias à difusão do “ethos” empresarial. Diante disso, o processo de urbanização do Estado estava aumentando devido ao acelerado processo de “desruralização” da população.

Criou-se um esquema de busca de um jovem provinciano pela inserção na cidade. Na figura do personagem Mário, mostrou-se um jovem com a *simplicidade do campo* na capital do estado do Espírito Santo: Vitória.

A sua preferência por *serviços mais leves* e por *salários melhores* em *escritórios*, em trabalhos como o de *eletricista*, *carpinteiro* e outras atividades que aparecem (explícita ou implicitamente) no filme, faz referência ao setor terciário. Destacou-se o setor que mais se expandia, com um papel significativo na geração de empregos; porém, omitiu-se que o principal setor que atraía os migrantes (sejam eles interioranos do estado ou migrantes de outros estados) era o setor secundário (indústrias), que absorve trabalhadores especializados.

¹¹ Cf. ANJOS et.al.,1987, p. 16 (MAPA 1).

Depois de várias tentativas na *ádua competição das metrópoles*, mostrou-se que o migrante tinha muitos obstáculos na cidade por não ter *instrução* e nem uma *profissão definida*, e assim, só lhe restaria trabalhar em *ocupações* mal remuneradas e *mais duras*, tanto quanto as ocupações do campo.

Enquanto que no meio rural focalizou-se uma visão homogênea, no meio urbano viu-se uma classe de trabalhadores heterogênea. Tentou-se retratar a discriminação dos negros e dos migrantes, por meio de sua falta de qualificação e de sua inserção em formas de trabalho temporário e salários baixos. Ao se mostrar que os migrantes são vítimas da discriminação e que, por isso, aceitam qualquer tarefa e trabalho por qualquer salário, fez-se presente no filme a exploração e a submissão da força de trabalho destes. Legitima-se a exclusão dos não-privilegiados e a sua submissão à lógica da lei de mercado.

A essa exclusão no mercado de trabalho foi associado a exclusão do lugar: Mário irá morar na favela, um local sócio-espacial indefinido, um espaço caracterizado pela ausência ou precariedade de serviços. Cria-se uma imagem acerca dos migrantes na cidade que os coloca “simbolicamente” excluídos da sociedade — ou, pelo menos, como integrantes de um mundo que praticamente não tem vínculos com aquele de que fazem parte os demais grupos e classes sociais — assumindo no filme, o *grave desajustamento social*.

Mário representa o “homem marginal” (PARK, apud COULON, 1995, p.58), um migrante que vai para a cidade em busca de emprego, mas que é ainda um camponês que sofreu também os efeitos do êxodo rural: a exclusão social. Ao se separar de sua cultura de origem, precisa se aculturar e construir para si mesmo uma nova identidade para sobreviver. É por meio da exclusão, tanto social como espacialmente, que a ACARES reafirma os “valores de referências”, os vínculos tradicionais de solidariedade do “homem do campo”.

Como que fazendo uma advertência, o narrador afirma que *apenas sonhos não vencem obstáculos*, e, numa cena atípica, mostrou-se Mário regressando às origens, por ter se desiludido com a cidade. Lendo uma carta de seu amigo no interior do ônibus de retorno ao campo, Mário descobre que durante o período em que esteve em Vitória a situação do meio rural estava melhor porque, com a assistência da ACARES, com o financiamento do Banco e com a formação de Clubes 4-S, os jovens rurais da região onde morava estavam se realizando.

A trajetória de Mário é mostrada como uma etapa transitória que serviu para afirmar valores do público-alvo do filme como os contatos primários, a cultura “folk” do meio rural (relação horizontal e “solidariedade orgânica”), a propriedade familiar e, ao mesmo tempo, serviu para afirmar que se buscava melhorar o meio rural.

?? Mensagem 5: Os “órgãos competentes” têm assistido o agricultor familiar

A fim de fixar os agricultores no campo e expandir a modernização no meio rural capixaba, insistentemente foi destacada a importância dos *programas assistenciais* e do *Serviço de Extensão Rural* para o *bem-estar coletivo* e para o *crescimento de uma região*.

Para tentar convencê-los disso, foram utilizados depoimentos de líderes voluntários que possuíam um intenso engajamento em suas comunidades e que aceitavam a assistência da ACARES: representando a região Norte do Estado, o líder *Domingos Margôto* declara que, com a participação da juventude de *São Zenon* em Clubes 4S, estava se formando uma *nova mentalidade*, a agricultura estava se desenvolvendo, as *técnicas da região* estavam sendo transformadas, se substituía a *cultura rotineira* pela *rotação de culturas*, se implantava o moderno *sistema de irrigação* e se intermediavam *financiamentos de projetos agropecuários*. Em subseqüência, mostrou-se mais uma *liderança positiva* do interior do Estado: representando a região do Centro do Estado, as declarações de *Nilo Bragato esclarecem* para o público do filme *o quanto podem ser úteis essas agremiações juvenis* e a ACARES, pois com estes estava avançando o sistema de lavoura em *São João de Viçosa*.

Por meio destas declarações, tentou-se compartilhar uma mesma condição social — a condição de agricultor familiar —, acompanhada, por sua vez, de uma relação com o mundo, de valores, modelos de vida, de desejos de melhores condições de vida, para produzir efeitos sobre o modo de conceber o “moderno”.

Falou-se de uma *nova dinâmica*, se referindo à *experiência piloto* da ACARES, iniciada em 1971 nos municípios de *Castelo* e *Nova Venécia*. Esta nova dinâmica estava sendo efetivada por meio do convênio entre a *ABCAR* e a *FUNABEM*, aliada à integração de vários organismos assistenciais com os quais a ACARES mantinha entrosamento.

Tratava-se de uma tentativa de provocar impacto sócio-cultural e econômico em locais que possuíam alta concentração de jovens. Tinha-se a proposta de ampliação do número de jovens rurais assistidos e de dinamizar os grupos de jovens, *selecionando e orientando os projetos* dos sócios quatroessistas *que seriam trabalhados*.

Por meio de cenas de uma das *Convenções de Juventude Rural* do interior do Estado, mostrou-se que se buscava uma *integração maior* dos jovens, a sua *conscientização sobre os mais variados assuntos* e se estimulava a *formação de lideranças*. E que, junto com a ACARES, os jovens estudavam *soluções e atitudes mais adequadas* para estes problemas.

Incentivava-se a juventude a estruturar os *Conselhos Municipais de Desenvolvimento*, pois a ACARES via essa ação como um meio de ter *apoio e recursos para a educação* da juventude rural, além de ser uma forma de promoção humana e de desenvolvimento do município.

Afirmou-se que o trabalho da ACARES estava atraindo as jovens rurais e que no País *os Clubes 4S estavam presentes em quase todos os municípios*. Porém, segundo registros da ACARES, quase todos os municípios do Espírito Santo possuíam algum assessoramento da ACARES, mas nem todos possuíam Clubes 4-S¹².

Mas, dentro de um claro discurso conservador, é dito que o Serviço de Extensão Rural estava colaborando de forma *estreita* com o MOBREAL; que, num *esforço de renovação*, buscava-se ajudar o governo a atingir a sua *meta prioritária* do momento: *a alfabetização de adultos*, a erradicação do analfabetismo no país¹³.

O projeto MOBREAL era um dos suportes do sistema de governo vigente, pois tinha o objetivo de transferir a responsabilidade de melhorar as condições de vida para a população. Estas deveriam aproveitar os recursos disponíveis e obedecer as leis. Bastava aprender a ler, escrever e contar que se estava apto a melhorar de vida, deixando-se de lado a análise das contradições sociais inerentes ao sistema capitalista (BELLO, 19--., p.1). Como “Aparelho Ideológico de Estado”, o MOBREAL ajudava a conter qualquer ato de rebeldia de uma população que, mesmo num período de milagre econômico, vivia na miséria.

Como é mostrado no filme, estavam-se transmitindo *novas idéias* e *melhores hábitos na população* rural e se qualificava a *mão-de-obra* rural por meio das iniciativas e coordenações de *líderes comunitários*, preparados pelo Serviço de Extensão Rural. Conduziam-se as mulheres na preparação dos alimentos, saber costurar e a fazer artesanato, transferindo-se a elas conhecimentos para exercer trabalhos autônomos. De certa forma eram formas de incentivar a inserção produtiva em ocupações não essencialmente agrícolas.

Dentro de uma postura liberal tecnicista, sob a ótica da “teoria do capital humano” (FONSECA, 1985, p. 172), o Serviço de Extensão Rural estava incentivando os habitantes do campo a terem *conhecimentos* técnicos e *aptidões* na *profissão agrícola*. Utilizou-se o discurso de que *a finalidade dessa nova dinâmica é facultar as condições iniciais de luta por*

¹² Em 1970, existiam no Espírito Santo 75 Clubes 4S, com um total de 2.016 sócios. No Brasil existiam apenas 3.000 Clubes 4S, totalizando 73.545 sócios. Vinte e um estados brasileiros possuíam assistência do Serviço de Extensão Rural, abrangendo 1.548 municípios brasileiros, sendo que a maior parte deles se encontravam em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. (IBGE, 1971, p. 615-17).

¹³ Em 1970 havia no meio rural capixaba 3,2% pessoas com mais de 20 anos de idade que tinham mais de 4 anos de estudo, e havia apenas 1,1% com 20 anos ou mais que tinham mais de 8 anos de estudo. A partir de 20 anos de idade decaía a taxa de alfabetização (ALBUQUERQUE; VILLELA, op. cit., p 95-96, nota 1).

um futuro melhor e oferecer aptidões para enfrentar a concorrência dos grandes centros, para mantê-los e integrá-los a sociedade, confirmando a idéia de que a formação de capital humano implica não apenas em gastos na educação e adestramento em sentido estrito, mas também no cultivo a práticas favoráveis à atividade produtiva (HARBISON, 1974, p. 153).

O Serviço de Extensão Rural via que a situação de carência do agricultor necessariamente não o levaria a uma posição total de imobilismo. Assim, se estimulava o espírito coletivo, a *mobilização de recursos próprios* para a construção de *centros comunitários, minipostos de saúde, praças de esportes* e para *reformular escolas*. Isso significava formar cidadãos dependentes e incapazes de críticas, ao invés de cidadãos emancipados e com maioria (IANNI, 1978, p. 230).

O trabalho ambíguo do Serviço de Extensão Rural de estimular o aumento da produtividade agrícola, buscando a eficiência capitalista da agricultura com as suas inevitáveis conseqüências sociais, políticas e econômicas, e, ao mesmo tempo, defender a ineficiência ou a sua tolerância, através de práticas de subsistência e de voluntariado, vistos como o único caminho para os carentes de assistência do governo, estava atendendo à ordem econômica e política vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise deste filme, mesmo que limitada por alguns motivos, como o não acesso ao filme original, às informações e documentações referentes ao projeto audiovisual da ACARES com a Alemanha, ao maior número de informantes, ao tempo para realizar esta pesquisa, entre outros fatores, não se propõe a conclusões absolutas, mas a conclusões relativas a esse momento específico. Pois, desejou-se com este trabalho compartilhar os “olhares” que resultaram numa forma de análise das representações do meio rural contidas no semidocumentário. Sendo que, para abarcar o objeto de análise deste trabalho, e pelo fato deste filme ser uma obra cinematográfica antiga e, ao mesmo tempo, rica, foi preciso utilizar diversificados procedimentos e instrumentos para a coleta de dados.

Teve-se o propósito de comprovar que este filme foi uma “apropriação” da realidade exterior, uma “simbolização” do meio rural capixaba que expressou e representou as características do objeto representado (o meio rural capixaba) e do emissor do filme (ACARES). Tentou-se mostrar que as representações sociais do meio rural capixaba presentes neste filme foram influenciadas pelo contexto de auge do regime militar, pela função social da ACARES e pela relação ideológica que ela possuía com o mundo social.

Foi partindo das mensagens “Sem a indispensável modernização será inevitável o empobrecimento do campo”, “O meio rural é e pode ser mais harmônico”, “Ninguém segura a juventude do Brasil”, “O migrante sem qualificação é excluído” e “Os ‘órgãos competentes’ têm assistido o agricultor familiar” que se pretendeu mostrar como foi construída a narrativa do filme, o que foi manifesto e latente, a organização de elementos entre si, quais os aspectos importantes do mundo real foram ocultados e amplificados.

A análise das representações veiculadas por meio das informações, imagens, valores e elementos ideológicos foi baseada na combinação da “desconstrução” deste semidocumentário (o que equivale à sua “descrição”), com a análise de conteúdo e de discurso, e as informações obtidas nas pesquisas documentais, bibliográficas e empíricas.

Abarcando um certo campo de acontecimentos e informações, com algumas ficções e encenações, a fim de ter um caráter instrumental (voltado para o público-alvo do filme: jovens rurais e agricultores familiares), verificou-se que esse filme veicula representações com conotações positivas em detrimento das representações com conotações negativas. “Codificaram-se” “valores de referência” e a coesão social na imagem do Serviço de Extensão Rural, do MOBREAL, dos Clubes 4-S, da cooperação internacional, em “modelos exemplares de agricultores familiares”.

Dentro da dinâmica da “marcha acelerada do progresso”, verificou-se que foi colocada uma certa relação de complementação ou dependência entre os espaços rural e urbano, com algumas dicotomias e contrastes sociais dentro destes, a fim de afirmar o que está dentro e o que está fora do “moderno” ou das relações de produção capitalistas. Foi estabelecido, implicitamente, que a fronteira que separa o moderno do não-moderno é a mesma que causa o “desajustamento social”.

A sociedade capixaba foi caracterizada numa dualidade entre participantes e excluídos dos benefícios, tanto no espaço urbano quanto no rural, mas não se propôs a sua superação que não pela modernização, pelos aspectos técnicos, pelas habilidades técnicas e pelas ações pragmáticas. Propagaram-se “diagnósticos” parciais e soluções circunstanciais, que não propunham superar o “status quo”.

Mediante referências ao conformismo, ao isolamento ou à não-participação de Clubes 4-S fizeram-se presentes no filme as razões que responsabilizam os próprios agricultores familiares pela precariedade de suas condições de vida. Foi relativizada a responsabilidade do governo ao se encarar a passividade como algo que decorre parcialmente de fatores como a ilusão, o não-acesso à educação, a localização da moradia, mas não se ressaltaram seus fatores de cunho estrutural, conjuntural e político.

O discurso da ACARES presente no filme se voltou para a adaptação do modelo produtivista no campo capixaba, exprimindo uma visão ao mesmo tempo modernizadora e conservadora do meio rural. Pregava-se uma mentalidade pequeno-burguesa, sob formas pacificantes, o que fez deste filme um instrumento de condicionamento às “idéias da classe dominante” (MARX; ENGLÉS, apud GUARESCHI et al., 2000, p 58), aos limites de interpretação das elites, para não rever a estrutura do sistema agrário brasileiro. Foi uma produção audiovisual que pode ser vista como uma forma de intervenção estatal que tem como pré-condição condicionar a produção rural, ou atividades previamente “rurais”, de forma a racionalizar a produção, aos ritmos da apropriação industrial.

Este semidocumentário apresentou-se como um canal de comunicação para dar “visibilidade” ou “esclarecimento” aos jovens rurais e agricultores familiares. Utilizando-se de um discurso exortativo, a ACARES, por meio desse filme, se não os distanciou, deixou-os alheios às verdadeiras causas do êxodo rural e de importantes aspectos da realidade rural daquela época.

A partir disso, pode-se concluir que este filme, enquanto um produto da ACARES, um “Aparelho Ideológico do Estado” (ALTHUSSER, apud WARDE, 1977, p. 51), serviu de instrumento político-ideológico, não só porque atendia à ilusão de que existia uma sociedade

estável que estava prosperando, que o estado “marchava” para a superação de sua condição de subdesenvolvimento, como exigiam os interesses econômicos e políticos prevaletentes, mas também porque, em termos de transmissão de informações, imagens, ideologias e valores, pretendia-se fazer persistir a “despolitização” de agricultores familiares de propriedades de pequeno e médio porte, atendendo a uma estratégia reativa, de controle e de auxílio para ao governo militar.

Enfim, trata-se de uma produção cultural que apresenta a versão oficial da realidade sócio-política e cultural capixaba do início da década de 70. Portanto, sendo evidente que o discurso extensionista presente no filme, como um discurso institucional, é um discurso do poder, logo, é um discurso ideológico, caracterizado pelo ocultamento da divisão, da diferença e da contradição.

FONTES CONSULTADAS

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1.1. OBRAS CITADAS

- ALBUQUERQUE, R. C.; VILLELA, R. A situação social no Brasil: um balanço de duas décadas. In: VELLOSO, J. P. R. (Org.). **A questão social no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1991. p. 23-104
- ANJOS, Erly E. dos et al. A expulsão do campo para a cidade ou a penetração do capitalismo na agricultura do Espírito Santo. In: _____. **Indicadores indiretos de negatividades sociais**: produção e reprodução da miséria no Espírito Santo. Vitória: UFES/Rede Gazeta de Comunicação/GERES/BANDES/COPLAN. 1987, cap.I, p. 8-32. Mimeo. (NV 03 Espírito Santo - Século 21).
- ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL DO ESPÍRITO SANTO. Desenvolvimento para a agricultura do Espírito Santo. In: _____. **Plano Diretor** (1963-1965). Vitória, 1963, p 152-71.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. Lisboa: Edições 70. 2000. 226 p.
- COULON, Alain. A migração e as Relações Étnicas. In: _____. **A Escola de Chicago**. Tradução de Tomás R. Bueno. Campinas: Papyrus, 1995, cap. 2, p. 29-60.
- DIETERICH, Ronaldo. **Clubes 4-S**: descrição e análise da participação de jovens e suas permanências nas atividades agrícolas. 1982. 127 p. Tese de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Economia Rural e Sociologia Rural). UFRGS/ECON/IEPE, Porto Alegre, 1982.
- FONSECA, Maria Teresa Lousa da. **A Extensão Rural no Brasil, um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Loyola. 1985. 192 p. Coleção Educação Popular, n. 3.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 93 p.
- GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 159 p.
- GUARESCHI, Pedrinho A. et al. **Os Construtores da Informação**: Meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes, 2000. 380 p.
- HARBISON, Frederick H. Mão-de-obra e desenvolvimento econômico: problemas e estratégias. In: PEREIRA, Luiz (Org.). **Desenvolvimento, trabalho e educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. 198 p.

- IBGE / Instituto Brasileiro de Estatísticas. **Anuário Estatístico do Brasil** – 1971. Rio de Janeiro, v. 32, 832 p.
- LINHARES, M. Y.; SILVA, F. C. T. da. **Terra prometida: uma história da questão agrária no Brasil**. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1999, 211 p.
- MARCOVITCH, Jacques (Org.). **Cooperação Internacional: Estratégia e gestão**. São Paulo: EDUSP, 1994. 673 p.
- MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**. São Paulo: HUCITEC. 1994, p. 11.
- MINAYO, Maria Cecília de S. O conceito de representações sociais dentro da Sociologia Clássica. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. A. (Orgs.). **Textos em Representações sociais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 324 p.
- ROCHA, Haroldo C.; MORANDI, Ângela Maria. **Cafecultura e Grande Indústria – a transição no Espírito Santo (1955-1985)**. Vitória: FCAA, 1991. 168 p.
- SILVA, José Graziano da. **O Novo Rural Brasileiro**. 2 ed. Campinas: IE/UNICAMP, 1999. p. 1-17 [Versão Preliminar] . Coleção Pesquisas - 1.
- SOUZA FILHO, Hildo M. **A modernização violenta: principais transformações na agropecuária capixaba**. 1990. Dissertação (Mestrado em Economia). Campinas: UNICAMP, 1990. 201 p.
- WARDE, Mirian J. Caracterização das classes sociais. In: _____. **Educação e estrutura social**. São Paulo: Cortez&Moraes. 1977. p. 40-54.
- VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus. 1994. 152 p. Coleção Ofício de arte e forma.

1.2. OBRAS NÃO CITADAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura familiar e capitalismo no campo. In: STÉDILE, J. P. (Org.). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. p. 94-104.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Tradução de Mário Laranjeiras. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 339 p.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução de Renato Aguiar Marco Estevão. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 178 p.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 117p.
- BALLE, Francis. Comunicação. In: BOUDON, R. (Org.). **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar. 1995, cap. 14, p. 561-93.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1997. 77 p.

- COLBARI, Antônia. Família e trabalho na cultura dos imigrantes italianos. In: CASTIGLIONI, A. H. [et. al.]. **Imigração italiana no Espírito Santo**: uma aventura colonizadora. Vitória: UFES, 1997, p. 129-140.
- FLEURY, Maria Tereza L. **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo: Global 1983. 147 p.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Record. 1998. 72 p.
- GOODMAN, David; SORJ, Bernardo; WILKINSON, John. **Das Lavouras às Biotecnologias** – Agricultura e Indústria no Sistema Internacional. Tradução de Carlos Eduardo Baesse de Souza e Carlos Schlottfeldt. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 192 p.
- IANNI, Octavio. **A idéia de Brasil moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1992. 181 p.
- IBGE / Instituto Brasileiro de Estatísticas. Departamento de censos. **Censo Demográfico Espírito Santo** - VIII Recenseamento Geral – 1970. Rio de Janeiro. 387 p. Série Regional. v. I, tomo XV.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: ____ (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. Primeira Parte, cap. 1, p 17-44.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem** Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus. 1996. 152 p.
- KAWAMURA, Lili K. Ciência, tecnologia e educação nos 100 anos de República. In: CICLO DE CONFERÊNCIAS E PAINÉIS “Um século de educação republicana”. 1989, Campinas. **Painéis...** Campinas: FE/UNICAMP, 1989. Painel: Educação e Trabalho, 8 nov. 1989. p. 36-49.
- LEITE, Izildo C. **Desconhecimento, piedade e distância**: representações da miséria e dos miseráveis em segmentos sociais não atingidos pela pobreza. 2002. 246 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus de Araraquara), São Paulo, 2002.
- LUNA, Sérgio V. de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução – elementos para uma Análise Metodológica. São Paulo: EDUC. 2002. 108 p.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000, 244 p.
- QUEDA, Oriowaldo. **A Extensão Rural no Brasil**: da anunciação ao milagre da modernização agrícola. São Paulo. 1987. 188 p. Tese (Doutorado em Sociologia), [s.n.], 1982.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999. 297 p.

- SÁ, Celso P. de. As estratégias metodológicas de pesquisas. In: _____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, cap. 5: p. 79-95.
- SILVA, Marta Zorzal e. **Espírito Santo: Estado, interesses e poder**. Vitória: FCAA/SPDC, 1995. 530 p.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO. Biblioteca Central. **Guia para normalização de referências bibliográficas: NBR 6023:2002**. 2. ed. Vitória, 2002. 51 p.
- _____. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos: Guia para alunos, professores e pesquisadores da UFES**. 6. ed. rev. e ampl. Vitória, 2002. 60 p.
- VIEIRA, Sonia. **Como escrever uma tese**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1999. 99 p.
- ZANDONADI, Máximo. **Venda Nova: um capítulo da imigração italiana**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1984. 174 p.

2. PERIÓDICOS

2.1. ARTIGOS DE REVISTAS

- ANDRADE, Manoel C. de. Questão Agrária. In: SILVA, J. G. (Org.). **Universidade e Sociedade**, São Paulo, ano V, n. 9, p. 9-12, out. 1995.
- ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL DO ESPÍRITO SANTO. **Metas 71**. Vitória: ACARES. 1971. 30 p.
- BORDENAVE, Jaun D. Um novo rumo para a extensão na América Latina. In: Seminário de Metodologia, 1969, Vitória. **Seminários...** Vitória: CALIR/ACARES, 20 nov. 1969. p. 1-17.
- FERREIRA, Nildete V. T. A explosão dos movimentos sociais na Grande Vitória na década de 70. **Revista do Instituto Jones dos Santos Neves**. Vitória, v. 4, n. 2, p. 44-46, abr./jun.1985.
- FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES. Agricultura: seus problemas e suas potencialidades. **Revista do Fundação Jones dos Santos Neves**. Vitória, ano II, n. 3. jul./set. 1979. 46 p.
- IANNI, Octavio. O Estado e a Organização da Cultura. **Encontros com a Civilização Brasileira**. São Paulo: Civilização Brasileira, n. 1. p. 216-241, mai. 1978.
- HARTMANN, Peter. Brasil como exemplo para a produção de filmes agrários educativos dentro do Programa de Cooperação Técnica. **Desenvolvimento do meio rural –**

Cooperação Técnica Internacional. Tradução de Peter Hartmann. Berlim, Alemanha: [s.n.], n. 1, p. 11-13, jan./fev. 1976.

MÜLLER, Geraldo. Cem anos de República – notas sobre as transformações estruturais no campo. **Estudos Avançados**. São Paulo: IEA, n. 7, p. 109-136, 1989.

PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e Questão Agrária. **Estudos Avançados**. São Paulo: IEA, n. 7, p. 87-107, 1989.

ZANOTELLI, Cláudio Luiz. A Migração para o Litoral: o caso dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). **Geografares**. Vitória, v. 1, n. 1. p. 29-39, jun. 2000.

2.2. ARTIGOS DE JORNAIS

A EXTENSÃO Rural – 25 anos com você. **A GAZETA**, Vitória, 16 nov. 1981. Suplemento Especial, 8 p.

A GAZETA 75 anos. Contando a história do Espírito Santo. **A GAZETA**, Vitória, 21 set. 2003. Urbanização / Política / Economia / Cultura, p. 25-96.

VISÃO Objetiva do Brasil. **Braunschweig Zeitang**. Braunschweig, Alemanha, ago.1978. Traduzido por Frederico Herdmann Seide, Vitória, jun. 2003.

3. MULTIMEIOS

3.1. FILME

OS JOVENS rurais. Instituição: ACARES – Extensão Rural para o Espírito Santo, por delegação do Ministério da Agricultura – INCRA e Secretaria da Agricultura, com a Cooperação técnica da República Federal da Alemanha. Direção: Peter Hartmann. Roteiro: Wallace Batista Neto. Consultora técnica: Idézia Marques Dias. Fotografia: Peter Hartmann. Assistência técnica: Dante de Novais Santos. Espírito Santo: [S.I.], 1973. 2 bobinas cinematográficas / 1 videocassete (25 min), son., português, color., 16 mm / Super - 8 / cópia em vídeo (VHS).

3.2. FOTOGRAFIAS

ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL DO ESPÍRITO SANTO (ACARES). [sem título]. Vitória. 1971-72. 5 fotografias (preto e branco). Acervo da INCAPER.

HARTMANN, Peter. [sem título]. Braunschweig Zeitung, Alemanha, 1973. 6 fotografias (coloridas).

3.3. REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BELLO, José Luiz P. **História da Educação no Brasil**: Período do Regime Militar (1964 - 1985) e o MOBRAF [S.I., 19--]. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/hebl0a.htm>> Acesso em: 5 jul. 2003.

BRASIL, Umbelino. O filme documentário como documento da verdade. **Olho da História** [on line], Salvador/BA, n. 1. 1995. Disponível em: <<http://www.ufba.br/~revistao/sumario1.html>> Acesso em: 16 set. 2003.

EMBRAPA/GIPAF - Grupo de Interesse em Pesquisa para a Agricultura Familiar. **Entrevista eletrônica** com Ricardo Abramovay. [S.I.] 04/2000. Disponível em: <<http://gipaf.cnptia.embrapa.br/itens/entrevistas/abramovay.html>> Acesso em: 20 set. 2002.

EU TE AMO, meu Brasil. [S.I., 199-]. Disponível em: <<http://www.historianet.hpg.ig.com.br/gogm.html>> Acesso em: 1 jul. 2003.

MUDANÇAS demográficas. **A GAZETA On Line**. Vitória/ES. 28 jun. 2001. Disponível em: <<http://gazetaonline.globo.com/arquivo/>> Acesso em: 22 abr. 2003.

UNIVERSITY OF KENTUCKY. College of Agriculture. 4-H / Youth Development Programs. **What is 4-h?** [on line], Estados Unidos. 2002-03. Disponível em: <<http://www.ca.uky.edu/agcollege/4h/BROCHURE/INDEX.HTM>> Traduzido por Izildo Corrêa Leite, Vitória, nov. 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20., 1996, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://gipaf.cnptia.embrapa.br/itens/publ/nazareth/nazareth96.rtf>> Acesso em: 19 ago. 2002.

ANEXOS

ANEXO A

ILUSTRAÇÕES

“REPRODUÇÕES” DO FILME *OS JOVENS RURAIS*



Fotografias de PETER HARTMANN, 1973.

Fotografias de PETER HARTMANN, 1973.

ANEXO A

ILUSTRAÇÕES

“REPRODUÇÕES” DO FILME *OS JOVENS RURAIS*



ILUSTRAÇÕES TRABALHOS ORIENTADOS PELA ACARES



Fonte: ACARES, 1971-72



Fonte: ACARES, 1971-72

ANEXO B

ROTEIROS DAS ENTREVISTAS:

1) *Entrevista com o diretor e fotógrafo do filme, realizada pessoalmente, em 28/04/2003:*

1. O filme “Os jovens rurais” faz parte de um projeto de cooperação técnica alemã-brasileiro. Em sua opinião, qual foi a proposta desse projeto?
2. Esse projeto teve financiamento do governo alemão? E do governo brasileiro?
3. Por que foram feitos filmes apenas no ES, MG e RS?
4. O Sr. dirigiu e filmou estes outros filmes? Eles foram também exibidos no local? O Sr. também retornou a estes outros estados para exibí-los novamente?
5. O orçamento foi restrito para a realização dos filmes? Qual (is) filmes foram privilegiados? Por quê?
6. Quem foi Wallace? Como o conheceu?
7. Sobre o filme em questão, quem escolheu esses lugares do interior do ES (Venda Nova do Imigrante, São Zenon e São João de Viçosa)?
8. Por que não foram utilizados atores profissionais?
9. Por que um curta metragem?
10. Por que a preferência pelo filme de 16 mm?
11. Quem foi o produtor do filme? E o editor? E a montagem? E a sonorização?
12. Em quanto tempo o filme ficou pronto?
13. A ditadura interferiu em algum momento no filme?
14. Por que o Sr. foi o escolhido para filmar e dirigir todos estes filmes?
15. O Sr. veio pela 1ª vez ao Brasil para filmar “Os jovens rurais”? Veio apenas para isso?
16. O Sr. enquanto diretor e cinegrafista do filme “Os jovens rurais” teve quais intenções? Que idéia quis passar?
17. Depois de pronto, o filme foi exibido no Brasil? Onde? Para quem?
18. Foram deixada(s) cópia(s) deste filme no Brasil? Onde?
19. A EMATER (antiga ACARES) possui este filme? Por quê?
20. Em sua opinião, o que a EMATER (ou a antiga ACARES) pensa sobre este filme?
21. O Sr. tem algum contato com alguém da antiga ACARES?
22. Para quem foi exibido o filme na Alemanha? Para quê? Como foi recebido o filme?
23. Foi exibido o filme combinado ao slide, tanto na Alemanha quanto no Brasil? Por quê?
24. Além do artigo do jornal, foi publicado algo? Seria possível ter acesso a eles?
25. Onde o Sr. nasceu?
26. Qual a formação acadêmica do Sr? O Sr tem especializações?
27. Já teve outra(s) profissão(es)? Qual(is)?
28. À parte deste projeto alemão-brasileiro, o Sr. já participou de outro(s) filme(s)? Quantos?
29. Atualmente o que o Sr.faz?
30. Após a realização dos filmes da década de 70, o Sr. retornou outras vezes ao Brasil?
31. O que o Sr. pretende com o retorno do filme (“Os jovens rurais”) após 30 anos?
32. O que o Sr. sente ao final do filme?
33. Seria possível o Sr. deixar algum meio de contato (e-mail, endereço ou tel.)?

2) *Entrevista com um ex-extensionista da ACARES, realizada por telefone, em 11/06/2003:*

1. Qual a relação da ACARES com o Estado?
2. O que você sabe sobre o Serviço de Extensão Rural?
3. O que era o Clube 4-S?

4. O que você sabe sobre a Cooperação Técnica firmada com a Alemanha? Havia parceria com outros países?
5. Por que foi feito este filme?
6. Houve interferência do regime militar na realização deste filme?
7. Por que não houve continuidade do projeto audiovisual da ACARES?
8. Quando acabaram os Clubes 4-S no Espírito Santo?

3) *Entrevista com o ex-Cônsul Honorário do Estado, realizada pessoalmente, em 16/06/2003:*

1. O Sr. conhecia o cônsul do início da década de 70?
2. Qual era a relação do Brasil com a Alemanha?
3. Do que se tratou esta Cooperação Técnica com a Alemanha?
4. Que tipo de organização é a GTZ?
5. Em quais áreas a Alemanha mais atuava no Espírito Santo?
6. Por que o Peter Hartmann foi enviado?

4) *Entrevistas com o assistente do filme e ex-extensionista, realizada pessoalmente, em 23/06/2003:*

1. Qual era a sua função na ACARES? Desde quando trabalhava na ACARES?
2. Por que foi escolhido para participar como assistente do filme?
3. De que forma ajudou na realização do filme?
4. O que achava de Peter?
5. O que sabe sobre Wallace? Como posso achá-lo?
6. Qual era o interesse da Alemanha em realizar este filme?
7. Quem escolheu a música principal do filme?
8. Quando e para quem o filme foi exibido?
9. O que vocês queriam mostrar da cidade Vitória? Para quê?
10. Por que não deu certo o projeto audiovisual?
11. Como era seu trabalho como técnico agrícola? Onde trabalhava?
12. Quais eram as principais dificuldades do interior do Espírito Santo?
13. O que sabe sobre a agricultura da Alemanha daquela época?
14. Qual era a proposta do filme?
15. Como foi feito este filme?
16. Assistiu o filme quantas vezes?

Entrevista após ver a cópia do filme em vídeo, em 02/07/2003:

17. Participou de todo o processo do filme?
18. Fale sobre as cenas em que participou?
19. Quais foram as cenas de que não se lembrava ou de que não participou?
20. Onde foi colocada a sonorização?
21. Acredita que a narração tenha sido de Cid Moreira?
22. A ditadura interferiu de alguma forma?
23. Por que foram filmados apenas estes 4 municípios do Espírito Santo?
24. Qual a importância do livro de Paulo Freire em seu trabalho de extensionista?
25. Qual era a realidade do meio rural daquela época?
26. Qual a importância da ACARES no interior?
27. Por que este filme foi feito?

5) *Entrevista com o intérprete de Mário e ex-membro do Clube 4-S de São João de Viçosa, realizada por e-mail, em 28/06/2003:*

1. Em que ano começou a participar do Clube 4-S? Por que quis participar?
2. Era cobrada alguma mensalidade ou taxa para participar?
3. Por que só você, de nossa família, participava do Clube 4S, já que de acordo com as normas podiam participar crianças acima de 10 anos?
4. Nessa época além de estar no Clube, você estudava?
5. Você tinha o papel de “líder” voluntário da comunidade?
6. Em que ano parou de participar do Clube 4-S? Por quê?
7. O que você achava (e acha) dos Clubes 4-S do Estado? E do Clube que você participava?
8. Na sua opinião, com que se acabassem com os Clubes 4-S no Estado?
9. Na sua opinião, com que se acabasse a ACARES? Na sua opinião, o que isso significou para o projeto com os jovens rurais?
10. Qual era a sua idade em 1971?
11. Por que você foi o escolhido para fazer o personagem Mário? Quem o escolheu?
12. O que você achava do Peter naquela época?
13. Naquela época, foi tudo esclarecido para vocês sobre a intenção de fazer este filme? Por quê?
14. Em algum momento (antes, durante ou depois das filmagens) os membros dos Clubes 4-S davam opinião a Peter e ajudavam nas filmagens? Por quê?
15. Quanto tempo vocês ficaram filmando?
16. Houve algo de que você não gostou ou que poderia ter sido colocado no filme?
17. Você acha que esse filme serviu para alguma coisa? Para quê?
18. Hoje, o que este filme representa para você?
19. Por que ele lhe causa emoção?

6) *Entrevista com uma ex-economista doméstica (extensionista), realizada pessoalmente, em 10/07/2003:*

1. Quando começou a ser extensionista? Trabalhava em qual região do Espírito Santo?
2. Qual a sua formação?
3. Até quando trabalhou?
4. No que consistia o seu trabalho?
5. A Sra. se lembra do filme?
6. Havia dificuldades em trabalhar na ditadura?
7. Como eram realizados os trabalhos com os Clubes 4-S?
8. O que a Sra. sabe sobre Peter?

7) *Entrevista com o ex-Líder comunitário de São João de Viçosa, realizada por e-mail, em 23/08/2003:*

1. Até que série o Sr. estudou?
2. O Sr. participou do MOBREAL (um programa do governo de alfabetização de adultos)?
3. O Sr. tinha o papel de “líder” voluntário da comunidade?
4. O que o Sr. acha do trabalho que a ACARES estava realizando no interior?
5. Em algum momento a ditadura impediu a organização de vocês?
6. Vocês aceitavam sem críticas o que a ACARES propunha?
7. Na sua opinião, com que se acabassem os Clubes 4-S no Estado?
8. Qual era a idade do Sr em 1972?
9. Para quem foi feito este filme? Por quê?
10. Foi esclarecido para o Sr. qual era o objetivo de fazer este filme? Por que?

11. O depoimento do Sr. no filme foi espontâneo ou lhe deram o que tinha que falar?
12. Houve votação para a escolha do título do filme?
13. O Sr. assistiu a este filme quantas vezes?
14. Em quais anos o Sr. assistiu este filme?
15. No momento em que foi feito o filme, quais eram as principais dificuldades em fazer os jovens permanecerem no campo?
16. O Sr. sabia que seriam filmados outros locais do Estado?
17. Quando pararam de existir os Clubes 4-S em São João de Viçosa?
18. Houve algo de que o Sr. não gostou ou que poderia ter sido colocado no filme?
19. O Sr. acha que este filme serviu para alguma coisa? Para quê?
20. O que o Sr. sente ao final do filme?
21. O que o Sr. acha (ou achava) de Peter Hartmann?

8) *Entrevista com uma ex-membro do Clube 4-S de São João de Viçosa, realizada por e-mail, em 23/08/2003:*

1. Em que ano começou a participar do Clube 4-S?
2. Por que participava do Clube 4-S?
3. Entre 1971-73, o que você fazia (estudava, participações na comunidade etc.)?
4. Em que ano parou de participar do Clube 4-S? Por quê?
5. Qual foi a importância do Clube 4-S para você?
6. Na sua opinião, o que fez com que se acabassem os Clubes 4-S no Estado?
7. Qual era a sua idade em 1972?
8. De que forma você participou do filme “Os jovens rurais”?
9. Em algum momento os membros dos Clubes 4-S davam opinião ou ajudavam o Peter Hartmann e a sua equipe de filmagem? Por quê?
10. O que pensa sobre Peter Hartmann?
11. Você acha que este filme mostrou a realidade do meio rural do Estado?
12. Houve algo de que você não gostou ou que poderia ter sido colocado no filme?
13. Você acha que este filme serviu para alguma coisa? Para quê?
14. O que este filme representa (ou representou) para você?
15. Quantas vezes você assistiu ao filme “Os jovens rurais”? Em quais anos?
16. Você havia me falado sobre algumas fotografias. Vocês possuem fotografias do momento das filmagens?

9) *Entrevista com o ex-gráfico da ACARES, realizada por telefone, em 02/09/2003:*

1. Em que ano começou a trabalhar na ACARES? Qual era a sua função?
2. O Sr. participou de alguma forma deste filme? Como?
3. O Sr. assistiu ao filme?
4. Qual o interesse da Cooperação Técnica com a Alemanha em produzir este filme?
5. Qual o interesse em exibi-lo na Alemanha?
6. Soube se este filme foi exibido em algum canal da TV brasileira?
7. O Sr. sabe como posso achar o Sr. Wallace?
8. O Sr. acredita que a narração do filme é de Cid Moreira?
9. O que sabe sobre o Sr. Peter?

10) *Entrevista com um ex-membro do Clube 4-S de São Zenon (Colatina), realizada por e-mail, em 10/09/2003:*

1. Em que ano o Sr. começou a participar do Clube 4-S?
2. Por que participava do Clube 4-S?

3. Entre 1971 e 1973, além de estar no Clube 4-S, o que mais você fazia (estudava, etc.)?
4. Em que ano parou de participar do Clube 4-S? Por que?
5. Qual foi a importância do Clube 4-S para você?
6. O que o Sr. acha do trabalho que a ACARES estava realizando no interior?
7. Vocês aceitavam sem críticas o trabalho da ACARES? Por que?
8. Em algum momento a ditadura impedia a organização de vocês?
9. Qual era a idade do Sr em 1972?
10. O Sr. aparece no filme?
11. Para quem foi feito este filme? Por quê?
12. Em que ano e quanto tempo duraram as filmagens em Colatina?
13. Naquela época, foi esclarecido para a sua família qual era o objetivo de se fazer este filme? Por quê?
14. Vocês sabiam que seriam filmados outros locais do Estado?
15. No filme a fala do Sr. Domingos Margoto foi espontânea ou lhe deram o que tinha que falar?
16. No filme, o Sr. Domingos Margoto fala: “Esse é meu filho Álvaro. Desde a idade dos 10 anos que ele faz parte do Clube 4S. Hoje, ele já está fazendo curso superior. Isso tudo eu atribuo, em grande parte, que foi o aproveitamento que ele teve no Clube 4S”. Gostaria de saber se isto que ele diz sobre o Sr. é verdadeiro?
17. O Sr. Domingos participou do MOBREAL (programa do governo de alfabetização de adultos)?
18. O Sr. Domingos era um “líder” voluntário da comunidade?
19. Houve votação para a escolha do título do filme?
20. Quando parou de existir os Clubes 4-S em São Zenon?
21. Na sua opinião, o que fez com que se acabassem os Clubes 4-S no Estado?
22. Houve algo de que o Sr. não gostou ou que poderia ter sido colocado no filme?
23. Naquele momento em que foi feito o filme, o que impedia que os jovens ficassem no meio rural?
24. O Sr. acha que este filme serviu para alguma coisa? Para quê?
25. O Sr. assistiu este filme quantas vezes?
26. Em quais anos o Sr. assistiu este filme?
27. O que o Sr. sente ao final do filme?
28. O que o Sr. acha de Peter Hartmann?
29. Na sua opinião, qual foi a intenção do Sr. Peter em rever vocês em 2003?

11) Entrevista com o roteirista do filme e assessor para relações públicas da ACARES, realizada por e-mail, em 12/11/2003:

1. Quando começou a trabalhar na ACARES? Como se tornou funcionário dela?
2. Até que ano permaneceu na ACARES?
3. Quais foram as suas funções durante o período que trabalhou na ACARES ?
4. Qual era a sua idade em 1971?
5. Além de trabalhar na ACARES o Sr. também era universitário? O que fazia?
6. Por que o Sr. foi o escolhido para assessorar o Sr. Peter?
7. O Sr. tinha alguma experiência em fazer filmes?
8. Por quanto tempo esteve com o Sr. Peter?
9. O Sr. participou com Peter em mais algum trabalho vinculado (ou não) a ACARES?
10. Como era a sua relação com ele?
11. A língua (alemão) impediu ou dificultou em algum momento?
12. O Sr. participou de todo o processo de criação do filme?
13. De que forma o Sr. ajudou nas filmagens?
14. Houve entrosamento entre os atores e a equipe executora do filme?
15. Houve entrosamento entre os executores do filme?
16. Quem é o narrador do filme?

17. De quem foi a escolha da música principal do filme (“Eu te amo, meu Brasil”)?
18. Qual foi a importância do assessor técnico Dante de Novais?
19. Quem escolheu os “atores” do filme?
20. O Sr. teria a cópia do roteiro deste filme?
21. O Sr. saberia me dizer se este filme chegou a ser exibido em alguma TV brasileira?
22. Qual seria o interesse do governo alemão em cooperar com a criação deste filme?
23. Por que se tratava de uma cooperação mútua com a ACARES?
24. Qual era o objetivo desse Projeto Audiovisual entre Brasil e Alemanha?
25. O Sr. sabia que o Sr. Peter também filmou e dirigiu mais 11 outros filmes na década de 70, feitos em mais três outros estados (MG, RS e SC)?
26. O que o filme *Os jovens rurais* significou para o Sr.?
27. Por que o Sr. saiu da ACARES?
28. O que o Sr. acha (ou achava) do Sr. Peter?

ANEXO C TRANSCRIÇÃO DO FILME

OS JOVENS RURAIS – O DESAFIO E A CONTRIBUIÇÃO DA JUVENTUDE:

Narrador: O Brasil é um dos mais jovens países do mundo. Em cada dois brasileiros, um tem entre menos de 20 anos de idade. Segundo estatísticas, o predomínio dessa faixa etária na população ainda perdurará por muito e muitos anos. Assim é que no ano 2000 seremos 212 milhões de habitantes.

(CENAS DE JOVENS EM UM ESTÁDIO DE FUTEBOL, NO PARQUE, SERVINDO AO EXÉRCITO etc.)

Notadamente nos grandes centros urbanos, a juventude vem modificando substancialmente os costumes e tradições: novas roupas, hábitos descontraídos e uma maneira arrojada de encarar a vida são características marcantes da mocidade de hoje. É flagrante a busca de emancipação e liberdade desses jovens e a ânsia de encontrarem a si mesmos, construindo algo com o próprio esforço e criatividade. Muitos deles se dedicam à música, ao teatro, enfim, a toda sorte de manifestações artísticas. Existem em todos um grande desejo de realização, canalizado nas mais variadas atividades.

Para alcançar seus objetivos, a educação lhes é fornecida sobretudo pelas escolas técnicas e universidades, que se dedicam a formar profissionais de acordo com as múltiplas necessidades do mercado de trabalho.

Cada novo dia traz uma série de novidades e experiências para a gente citadina. Tudo que é moderno e atual acontece primeiro nos grandes centros. A própria cidade se encarrega de proporcionar os meios para que todos estejam a par da marcha acelerada do progresso.
(PAUSA)

Já no meio rural, onde as distâncias são longas, os meios de comunicação, lentos e as condições de vida, mais difíceis, concentra-se a maior parte da juventude brasileira. Ela também tem planos e aspirações e carece de assistência. O que vem fazendo a respeito os órgãos competentes?

(CENAS DOS JOVENS SUBINDO NO CAMINHÃO E, FELIZES)

(MÚSICA: “As praias do Brasil ensolaradas, o chão onde o país se elevou, a mão de Deus abençoou, mulher que nasce aqui tem muito mais amor[...] Eu te amo meu Brasil (bis), meu coração é amarelo, verde, branco, azul anil[...] Ninguém segura a juventude do Brasil!”)

Eis uma típica família do campo. Todos os cinco filhos trabalham de sol a sol na lavoura ajudando a prover o sustento da casa. Usando métodos agrícolas antiquados, cultivam arroz, feijão, milho e café, em pequena escala. E eles mesmos, junto aos pais, se encarregam de cuidar da propriedade.

Este é Mário, o filho mais velho da família. Ele quer ir para a cidade em busca de diversão e conforto. Ele ainda não sabe, mas serão muitas as suas dificuldades... Por que isso?

Uma das razões é que, apesar do empenho das autoridades no interior, muitas vezes as escolas singulares ainda são o único veículo de educação existente. O ensino não oferece qualquer capacitação técnica ou profissional e há professoras que só podem transmitir aos alunos pouco mais do que contém a cartilha escolar...

Voltemos ao nosso exemplo: o lar de Mário.

Cheio de ilusões, ele decide partir. E, ao deixar os limites da casa paterna, leva em sua aventura quase que só vontade e forças nos braços...

(PAUSA)

Mário já está fora de seus domínios. Daqui a diante, ele vai depender da cooperação de estranhos e da sua capacidade de decisão sobre tudo aquilo que a simplicidade do campo não lhe permitira conhecer. Afinal, ele parte...

(PAUSA)

(IMAGEM DE MÁRIO PEGANDO CARONA)

Em sua casa, a luta fica mais intensa. A pouca qualificação da mão-de-obra agrícola obriga a redobrar o trabalho manual. Mas os rendimentos não atingem os índices desejados. Sem a indispensável modernização será inevitável o empobrecimento do campo.

Na cidade, Mário encontra um mundo inteiramente novo para ele: o movimento nas ruas, carros, loja... Tudo é motivo de curiosidade... Mas é hora de começar a luta pela sobrevivência....

E ele se põe a procurar emprego... Dirige-se primeiro aos escritórios, onde os serviços são mais leves e os salários melhores...

Personagem Mário: “É possível conseguir um emprego aqui?”

Personagem Dono do escritório: “Não, não é possível!”

Narrador: É... Escritórios também exigem alguma instrução e Mário não possui...

(MÚSICA: Batuque)

A procura prossegue... dia a dia mais difícil... Nessa altura, qualquer ocupação já resolveria...

Ainda assim, a resposta permanece a mesma...

(Mostra-se uma placa onde está escrito NÃO e outra escrita “PRECISAMOS DE ELETRICISTAS, MECÂNICOS E CARPINTEIROS”)

Qualquer atividade exige o mínimo de preparo e só mesmo muita determinação faz Mário insistir... Na árdua competição das metrópoles, quem não está habilitado tem que enfrentar ocupações mais duras.

(PAUSA)

(CENAS DE MÁRIO TRABALHANDO)

O pagamento mal satisfaz as maiores necessidades. E, a Mário, como tantos outros, só resta refugiar-se numa favela, no que poderá ser o início de um grave desajustamento social...

Será que não poderia ter sido diferente o caminho percorrido por Mário?

(PAUSA)

Esta é a localidade de São Zenon, município de Colatina, estado do Espírito Santo. Aqui, o Serviço de Extensão Rural iniciou, em 1958, a primeira ação assistencial voltada para a juventude. A idéia era de que em seu próprio meio, atividades técnicas, sociais e recreativas podem levar os jovens rurais à sua realização.

Depoimento de um líder: Meu nome é Domingos Margôto. Fui um dos primeiros líderes do Clube 4-S aqui de São Zenon. 4-S significa aqui para nós, Saber – Sentir – Saúde – Servir.

Aqui em São Zenon o Clube 4-S trouxe grandes benefícios... Inclusive ajudou a formar uma nova mentalidade na população. E posso até dizer que transformou as técnicas da região.

Antigamente, aqui em São Zenon, a gente trabalhava com o café naquelas culturas rotineiras. Depois, com o serviço das ACARES e com a criação do Clube 4S, com os jovens daqui, a gente modificou completamente a estrutura. Hoje se faz rotação da cultura e também o serviço de irrigação. Com a orientação técnica da ACARES, nós, os agricultores daqui de São Zenon, estamos desenvolvendo uma agricultura que eu considero das mais modernas...

Este jovem (*MOSTRA-SE O JOVEM*), para desenvolver o seu projeto conseguiu o financiamento através da ACARES e fez a irrigação de seu terreno. Agora ele não tem mais problema com chuva... Isso tudo ele deve ao Clube 4-S...

(CENAS MOSTRANDO A IRRIGAÇÃO DA LAVOURA)

Esse é meu filho Álvaro. Desde a idade dos 10 anos que ele faz parte do Clube 4-S. Hoje, ele já está fazendo curso superior. Isso tudo eu atribuo, em grande parte, que foi o aproveitamento que ele teve no Clube 4-S.

Narrador: Em São João de Viçosa, temos mais um exemplo de liderança positiva e de importância dos Clubes 4-S para o crescimento de uma região. Trata-se do Sr. Nilo Bragato, cujo depoimento esclarece bem o quanto podem ser úteis essas agremiações juvenis.

Depoimento de outro líder: Depois que os meus filhos começaram a participar do Clube 4-S é que nós começamos a avançar nesse sistema de lavoura aqui. E, ao passo que quando a minha

lavoura antiga produzia uma média de 30 arrobas/1.000 covas, essa lavoura me produz 100 arrobas/ 1.000 covas. Tudo isso depois que nós começamos participar do Clube 4-S, através de meus filhos. *(CENAS DOS FILHOS DESSE LÍDER COLHENDO CAFÉ)*

Narrador: Hoje, o símbolo 4-S está presente em quase todos os municípios brasileiros. Apesar disso, o crescimento dos Clubes 4-S não consegue acompanhar o aumento populacional do interior.

Um dos motivos está no permanente interesse da juventude por toda espécie de inovação. Sabedor disso, o Serviço de Extensão Rural, periodicamente, reúne os jovens a que assiste, para conhecer seus desejos e aspirações.

(CENA DE JOVENS EM UMA CONVENÇÃO DE JUVENTUDE RURAL, NO QUAL UM DOS JOVENS LÊ: “As reuniões da ACARES continuaram e nós dávamos um passo para frente...”)

Nessas reuniões cada um apresenta os problemas da localidade ou grupo a que pertencem. Assim, todos ficam sabendo o que acontece em outros lugares; e grupos mistos estudam as soluções e atitudes mais adequadas. Generaliza-se o direito de opinar e dar sugestões, ensejando tais iniciativas, uma integração maior, a conscientização sobre os mais variados assuntos e o estímulo à formação de lideranças...

(PAUSA)

No extremo Sul do Espírito Santo, está situada a cidade de Castelo. Um aspecto a se destacar em Castelo é o grande número de jovens que a habitam.

(PAUSA)

Também Nova Venécia, um dos principais municípios do Norte capixaba, tem em seus jovens a maioria de seus 47 mil habitantes. Em 1971, uma nova dinâmica foi iniciada nesses dois municípios, visando atingir um número maior de jovens rurais. Esse programa nasceu do convênio firmado entre o Sistema Brasileiro de Extensão Rural e a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.

O primeiro passo de tal experiência piloto foi a finalização dos Conselhos Municipais de Desenvolvimento, tanto em Nova Venécia quanto em Castelo. Os Conselhos foram orientados para oferecer à juventude rural mais apoio e recursos para a sua educação.

(CENAS DA REUNIÃO DE UM DOS CONSELHOS QUE SE REALIZOU)

Primeiro fez-se o estudo sócioeconômico da realidade rural em ambos os municípios. Analisando e discutindo o resultado da pesquisa indicou-se o caminho a seguir...

(CENAS DE PROFESSORA ESCREVENDO NO QUADRO)

Apoiar a criações de novas agremiações, selecionando e orientando os projetos que seriam trabalhados, e conceder a cada sócio ampla liberdade de participar da escolha e decisão sobre a atividade com que se vai dedicar foi o caminho encontrado para uma real assistência à juventude...

(CENAS MOSTRANDO AS DISCUSSÕES ENTRE OS JOVENS)

O objetivo começou a se concretizar com os sócios quatroessistas, em número cada vez maior e de maneira mais positiva, conhecendo técnicas e inovações agropecuárias.

Aos que vão permanecer no campo, estão sendo oferecidos conhecimentos e aptidões que a profissão agrícola requer...

O aprendizado de tecnologias modernas e o uso de máquinas agrícolas vão tornar mais produtivo o trabalho dos jovens. *(CENAS DE COMO SE ENSINAVA AS TÉCNICAS)*

Ao mesmo tempo, foi se intensificando uma educação de base, no sentido de melhorar e conservar a saúde e a alimentação, por exemplo. Tudo isso visando ao bem-estar coletivo.

Preparados pelo Serviço de Extensão Rural, líderes comunitários assumem o encargo de transmitir as novas idéias. E o público desses programas contribuirá para introduzir melhor hábito na população. Em qualquer lugarejo, cenas como essas se tornaram comuns. A mão-de-obra qualificada está sendo gradativamente ampliada e resultará em vantagens econômicas para as famílias do interior... *(CENAS DE MULHERES COSTURANDO E APRENDENDO A FAZER ARTESANATO)*

Como se vê, os treinamentos intensivos em projetos diversificados são da maior utilidade pública. Só a integração de vários organismos assistenciais tornou possível efetivar esse programa. A cada atividade planejada, é maior a participação dos jovens. (*CENAS DE HOMENS APRENENDO SERVIÇOS DE PEDREIRO*)

A finalidade dessa nova dinâmica é facultar as condições iniciais de luta por um futuro melhor e oferecer, aos que quiserem sair, a aptidão para enfrentar a concorrência dos grandes centros. Para esse fim, lhes é ensinado determinado ofício capaz de mantê-los e, finalmente, integrá-los à sociedade.

Ao mesmo tempo, nas comunidades rurais, com a mobilização de recursos próprios, há o despertar de outra mentalidade. Constroem-se centros comunitários, minipostos de saúde, praças de esportes e reformam-se escolas. Tudo com a iniciativa e coordenação da liderança local...

É a presença da mocidade melhorando as condições de vida de seu próprio meio. (*CENAS DE HOMENS CONSTRUINDO CASAS*)

A educação não poderia faltar a esse esforço de renovação... Em estreita colaboração com o MOBREAL, o Serviço de Extensão Rural leva os jovens a concorrerem para o atingimento de uma meta prioritária do governo: A alfabetização de adultos. (*CENAS DE ADULTOS ESTUDANDO*)

(PAUSA)

(MÚSICA)

Mário havia deixado a sua terra natal e sua gente, cheio de sonhos. Todavia, apenas sonhos não vencem obstáculos... Assim, restou-lhe uma opção: Regressar...

(*CENA EM QUE MÁRIO ESTÁ DENTRO DO ÔNIBUS EM MOVIMENTO, PARA RETORNAR A SUA TERRA, E LÊ UMA CARTA DE SEU AMIGO*)

Voz do amigo de Mário (Carta): “Prezado amigo, recebi a sua carta reclamando da vida aí na cidade. Realmente, viver em um lugar grande, sozinho e sem uma profissão definida não é fácil... Nós aqui temos trabalhado com projetos agropecuários e de bem-estar social. O banco já financiou até a formação de mudas de café. Eu mesmo fiz um viveiro e ganhei muito dinheiro no ano passado. Além disso, participando de cursos temos aprendido algumas profissões. Outra coisa: estamos todos matriculados no ginásio, à noite. Atualmente, tudo está muito melhor por aqui. Por isso, se você quiser, volte! Um abraço do amigo Sérgio.”

(*LOGO DEPOIS DE TER LIDO A CARTA, MOSTRAM-SE SEUS AMIGOS À SUA ESPERA NA BR-3*)

Narrador: Um dos objetivos maiores de nosso país é educar a juventude e criar condições para a sua realização. Identificado com essa meta, é decisiva a contribuição do Serviço de Extensão Rural.

Os jovens rurais, um filme sobre o desafio e a contribuição da juventude. Um filme da ACARES – Extensão Rural para o Espírito Santo, por delegação do Ministério da Agricultura – INCRA e Secretaria da Agricultura.

Direção: Peter Hartmann

Roteiro: Wallace Batista Neto

Consultora técnica: Idézia Marques Dias

Fotografia: Peter Hartmann

Assistência técnica: Dante de Novais Santos

Um filme realizado graças à Cooperação técnica da República Federal da Alemanha.

ANEXO D

CRÉDITOS DO FILME:

Título original: Os Jovens rurais

Versão em Alemão: Die Landjugend

Ano de produção: 1971-1973

Local das filmagens: Estado do Espírito Santo (nos municípios de Vitória, São João de Viçosa, São Zenon, Castelo e Nova Venécia).

Duração: 25 minutos

Película original: 16 milímetros

Gênero: Semidocumentário

Local de edição de som: Rio de Janeiro.

Direção: Peter Hartmann e ACARES

Cinegrafia e Fotografia: Peter Hartmann

Assessores Técnicos:

Wallace Batista Neto (Roteiro e Tradução)

Dante de Novaes Santos (Eletrônica e Técnico Agrícola)

e outros extensionistas da ACARES (funcionários do Escritório Central e dos Escritórios Locais da ACARES).

Equipe de Consultoria Técnica:

Idézia Marques Dias (Economista Doméstica) e outros extensionistas da ACARES, por delegação do Ministério da Agricultura – INCRA, Secretaria da Agricultura com a cooperação técnica da República Federal da Alemanha.

Trilha sonora original: *Eu te amo, meu Brasil*

Narração: Cid Moreira

Elenco Principal:

Dásio Venturim (Mário) e família

Domingos Margôto e família

Nilo Bragato e família

Jovens dos Clubes 4-S de São João de Viçosa, São Zenon, Castelo e Nova Venécia.

ANEXO E

LETRA DA MÚSICA PRINCIPAL DO FILME

*EU TE AMO, MEU BRASIL***Letra: Don e Ravel****Intérpretes: “Os Incríveis”**

As praias do Brasil ensolaradas,
 o chão onde o país se elevou,
 a mão de Deus abençoou,
 mulher que nasce aqui tem muito mais amor !
 O céu do meu Brasil tem mais estrelas !
 O sol do meu país mais esplendor !
 A mão de Deus abençoou,
 em terras brasileiras vou plantar amor !

Refrão: Eu te amo, meu Brasil, eu te amo !
 Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil !
 Eu te amo, meu Brasil, eu te amo !
 Ninguém segura a juventude do Brasil !

As tardes do Brasil são mais douradas !
 Mulatas brotam cheias de calor !
 A mão de Deus abençoou,
 eu vou ficar aqui porque existe amor !
 No carnaval os gringos querem vê-las,
 no colossal desfile multicor !
 A mão de Deus abençoou,
 em terras brasileiras vou plantar amor !
 (*Refrão*)

Adoro meu Brasil de madrugada,
 nas horas que eu estou com meu amor !
 A mão de Deus abençoou,
 a minha amada vai comigo aonde eu for !

As noites do Brasil tem mais beleza !
 A hora chora de tristeza e dor,
 porque a natureza sopra
 e ela vai-se embora, enquanto eu planto amor !
 Eu te amo, meu Brasil, eu te amo !
 Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil !
 Eu te amo, meu Brasil, eu te amo !
 Ninguém segura a juventude do Brasil !